

DO PORTUGUÊS AO LATIM E DO LATIM AO PORTUGUÊS
RELAÇÃO INTERACTIVA DE APRENDIZAGENS

Susana Marta Pereira

Relatório de Estágio
de Mestrado em Ensino de Português e das Línguas Clássicas no 3º
Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário

Julho 2013

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Português e das Línguas Clássicas no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Maria do Céu Caetano e da Professora Doutora Leonor Santa Bárbara, Professoras Auxiliares da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Declaro que este Relatório de Estágio é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, 29 de Julho de 2013

Declaro que este Relatório de Estágio se encontra em condições de ser apresentado a provas públicas.

O(A) orientador(a),

O(A) orientador(a),

Lisboa, 29 de Julho de 2013

*Afeiçoada à gente Lusitana
Por quantas qualidades via nela
Da antiga, tão amada, sua romana
Nos fortes corações, na grande estrela
Que mostraram na terra tingitana
Com pouca corrupção crê que é Latina*

Canto I-33 in *Os Lusíadas*

Aos mortos que tanto me ensinam

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer à minha família, que nos momentos mais complicados e nas crises existenciais não me deu qualquer tipo de apoio, procurando sempre demonstrar que existia vida para além do estágio. Agradeço, também, às estratégias infalíveis com que me tentou sabotar, preparando viagens em família, manjares de outro mundo, interrompendo-me constantemente com telefonemas ou simplesmente aparecendo sem avisar. E aos meus animais que decidiram compactuar com eles. Sem a irreverência, lealdade e incondicionalidade de toda a minha família jamais seria quem sou. À minha mãe, que me dizia *há gente que morre e não chega a nascer*, que me demonstrou o valor da palavra dada, da honra e da lealdade, à minha mana Judite que tanto amo, ao Samuel por todas as lições de vida e por me permitir sonhar e à minha Marta por me amar incondicionalmente e deixar ser criança.

Agradeço às minhas duas queridas orientadoras do relatório: à Professora Doutora Maria do Céu Caetano e à Professora Doutora Leonor Santa Bárbara pelas orientações, confiança, amizade, companheirismo e cumplicidade. Agradeço ainda à Professora Carmo Soares pelos ensinamentos que me transmitiu, pelas palavras encorajadoras, a amizade genuína, o carácter íntegro e o sentido de humor sempre presente.

Não posso deixar de agradecer ao Professor Doutor Manuel Rodrigues pela amizade, pelo exemplo e por todo o apoio, desde sempre. Agradeço igualmente à Professora Maria do Carmo Vieira pela amizade, carinho e generosidade.

Guardo ainda espaço para os agradecimentos a todos os que tão prontamente se deslocaram à Escola Secundária de Pedro Nunes e nos premiam com a sua presença e sabedoria.

Agradeço igualmente à Direcção da Escola Secundária de Pedro Nunes, a todos os professores desta maravilhosa escola, que me apoiaram, trabalharam comigo, concedendo-me a oportunidade de aprender com eles e permitindo-me fazer parte do seu mundo, de igual para igual.

Por fim, agradeço ao meu colega de estágio Joaquim Pacheco pela amizade, sentido de humor, companheirismo e à sua enorme dose de paciência. Sem ele, poderia ter feito o estágio, mas não era a mesma coisa.

À Joana Franco que tanta falta me fez.

**DO LATIM AO PORTUGUÊS E DO PORTUGUÊS AO LATIM
RELAÇÃO INTERACTIVA DE APRENDIZAGENS**

**FROM LATIN TO PORTUGUESE AND FROM PORTUGUESE TO LATIN
INTERACTIVE LEARNING RELATIONSHIP**

SUSANA MARTA PEREIRA

RESUMO

ABSTRACT

PALAVRAS-CHAVE: Português, Latim, Literatura, Educação, Cultura, Arte

KEYWORDS: Portuguese Language, Latin, Literature, Education, Culture, Art

Este relatório incide sobre a minha Prática de Ensino Supervisionada na Escola Secundária de Pedro Nunes, no ano lectivo de 2012/2013. A descrição e a reflexão crítica centram-se nas leituras que fiz, na observação, e na leccionação de aulas (Literatura Portuguesa 11ºano, Português 8º Ano e Curso Livre de Língua e Cultura Latinas), nas quais foi sempre estabelecido um diálogo entre Língua e Cultura Latina e Língua e Cultura Portuguesa. Conceitos como Língua, Literatura, Cultura e Arte foram fundamentais.

This report focus on my MA in Teaching as a teacher of Portuguese and Latin at Escola Secundária de Pedro Nunes during the school year of 2012/2013.

The description and critical observations are based on my activity as a trainee teacher which includes classroom examination and teaching practice (Portuguese Literature, eleventh form; Portuguese eighth form; and Language and Latin Culture course), where a constant dialogue between Latin Language and Culture, and Portuguese Language and Culture was established. I taught Portuguese to the eleventh form and Latin to the eighth form, where the concepts of Language, Literature, Culture, and Art were crucial.

Nota: Este relatório não segue as normas do Acordo Ortográfico de 1990

ÍNDICE

Introdução.....	7
-----------------	---

I PARTE

Enquadramento Teórico e Prático

A- Enquadramento	10
B- Estratégias	16
C- Elementos neoclássicos na Língua Portuguesa.....	19

II PARTE

Prática de Ensino Supervisionada

A- Escola Secundária de Pedro Nunes	22
B- Ensino do Português	
1. A turma de 11º Ano de Literatura Portuguesa	24
2. As turmas de 8º Ano de Português	25
3. Observação	25
4. Planificação	27
4.1 Literatura Portuguesa 11º Ano	27
4.2 Português 8º Ano	28
5. Execução	29
5.1 Literatura Portuguesa 11º Ano	31
5.2 Português 8º Ano	32
6. Avaliação	34
7. Reuniões.....	34
8. Criação de um <i>Wiki</i> para a disciplina de Literatura Portuguesa	35
C- Ensino do Latim	
1. Curso Livre “Língua e Cultura Latinas”	36
2. Cambridge Latin Course	39
3. O grupo de Latim	37
4. Observação	38
5. Planificação	39
6. Execução	41
7. Análise e Interpretação de Questionários sobre o Ensino/ Estudo do Latim	43

D- Intervenção na Escola/Relação com o Meio	
1. A comunidade na Escola	43
2. Página no <i>facebook</i> do Departamento de Português/Latim da Escola Secundária de Pedro Nunes	46
3. Aluga-se Trovador	47
4. Colóquio “Português e(u) Ensino”	48
5. Exposição “Lisboa e a Arte”	48
6. Semana do Latim	49
7. Dia Aberto na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas	49
8. Visita de Estudo a Vila Cardílio	50
9. Apoio aos alunos na disciplina de Literatura Portuguesa	50
10. A Biblioteca da Escola e a elaboração de questionários	51
11. Palestras “Formação e Informação”	53
Conclusão	54
Bibliografia	57
Sitografia	59
Anexos	60

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste no relatório da Prática de Ensino Supervisionada na Escola Secundária de Pedro Nunes, em Lisboa, no decorrer do ano lectivo de 2012/2013. Encontra-se dividido em duas partes, a primeira é composta pelo Enquadramento Teórico e Prático e a segunda inclui a descrição da Prática de Ensino Supervisionada.

Procurei na primeira parte estabelecer pontos de referência partindo das leituras que fiz, nas quais alicercei a minha Prática de Ensino Supervisionada. Todo o relatório é uma reflexão pessoal sobre um ano de trabalho intenso que me permitiu crescer enquanto ser humano e futura professora.

Uma relação interactiva de aprendizagens pressupõe uma influência mútua, em que a partir de uma relação cooperativa se cria uma conexão de estímulo recíproco. Esse diálogo é preciso e necessário, para que não se fique com a noção de que o mundo começou connosco. Há vida, para além da nossa época e os textos dos autores estudados, nas escolas, nasceram de uma miscelânea de vozes que os precederam, de ressonâncias que os interligam às vozes dos antepassados. Vozes estas que permanecem intemporais e recriam palimpsestos. Urge a necessidade de transmitir aos jovens que a literatura, a poesia e a língua não são estanques. Ocupam dentro delas o que de mais profundo e inquietante existe na definição de ser humano. Urge saber que o homem é uníssono, intemporal nos seus dilemas, nas suas complexidades. O jovem aluno e o seu professor devem criar uma necessidade de caminhar em frente, sobre o chão do passado e procurar o burburinho na brisa dos textos. Burburinho esse que deverá causar estranhamento e inquietude e os levará mais longe e mais perto do saber. Mais do que bons resultados nos exames, mais do que estatísticas e papagueamentos, a escola deverá incentivar o acesso à sabedoria, tendo noção de que só ela preparará cidadãos activos, participativos, conscientes e livres. E poderá ser nesta fusão, entre Português/Latim, que se encontrarão ramificações, pontes, espelhos para um ensino ampliado e humanístico.

O estudo do Latim obriga e encaminha ao rigor, exigindo a interiorização de métodos de leitura analítica, firmados num excelente domínio gramatical. Para a compreensão de um texto em língua latina há que conhecer o léxico e saber decompor e analisar frases. Este mecanismo pode levar a uma melhor compreensão da língua materna e à sua ampliação lexical, pois a descoberta da etimologia e o pensamento associativo poderá levar a uma surpresa encantatória, capaz de motivar os alunos para a erudição.

Tendo em conta que o ensino do Português pressupõe um conhecimento da sua evolução histórica, sabendo-se que é um processo complexo e nem sempre linear e que *não se pode partir do latim e chegar aos dias de hoje, saltando séculos de vida palpitante*¹, há que ter consciência da importância do Latim na construção da identidade linguística e cultural portuguesa.

Desde os primórdios da conquista da Hispânia pelos Romanos que a escola ensinava o Latim e a sua cultura, de tal forma que *ao sair dela, o jovem estava inteiramente assimilado: adquirira a mentalidade de um Romano*². Esta mentalidade, esta cultura, esta herança linguística, que foi assimilada pelos povos romanizados, tem repercussões que ecoam até aos dias de hoje. Sendo esta herança, este conjunto de espectros, que se ramificam na língua, na literatura, na poesia, na história, nos costumes, e na humanidade. *A história do português começa como um capítulo da história do latim*³ e é esse capítulo que, por vezes, falta na actual formação de professores de língua materna. Sem esse capítulo, sem esse conhecimento em rede, não há sustentabilidade para uma aprendizagem que se quer robusta e fluida, pois não se pode falar de teatro no século XIX, sem falar de Gil Vicente, e não se pode falar de Gil Vicente sem falar em Plauto, Menandro, Aristófanes. Não se compreende Camões sem conhecer Virgílio e a mitologia clássica. Não se conhece a fundo as Pastorelas das Cantigas de Amigo Galego-Portuguesas, sem primeiro ler a poesia bucólica e pastoril de Teócrito ou de Mosco. Da mesma forma que Ricardo Reis abre caminhos para a aprendizagem das Odes Horácianas e que a poesia de Torga ou de Sofia estabelecem pontes entre o contemporâneo e o antigo. Estes diálogos são cruciais para uma aprendizagem profunda e rica, alicerçada em painéis vigorosos. Sem eles, sem esta sinergia, não há ensino de Português de qualidade. É este caminho, esta abertura, esta ponte, este jogo de espelhos que deve ser percorrido no estudo e no ensino de duas línguas/culturas que se complementam, que se explicam, podendo levar ao entendimento e levantando questões fulcrais.

O tema elegido prende-se, assim, essencialmente com o facto de considerar que a partilha interdisciplinar consegue surtir uma maior eficácia nas aprendizagens. Estou convencida de que não se consegue ensinar Português com profundidade e dimensão sem se conhecer a Língua e Cultura Latinas. Da mesma forma que o Português poderá

¹ NETO, Serafim da Silva (1979) *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Presença, pág. 67.

² *Ibidem* pág. 80.

³ CASTRO, Ivo (2008) *Introdução à História do Português*. Lisboa, Colibri, pág. 59.

ser facilitador na aprendizagem do Latim. Mais do que duas línguas, são duas identidades que transportam chaves de acesso à sabedoria humana, pois nelas estão inscritos pensamentos, visões e reflexões humanas, que muito contribuíram para a civilização e construção da humanidade.

I PARTE

ENQUADRAMENTO TEÓRICO E PRÁTICO

A. Enquadramento

Para André Martinet⁴ *uma língua é um instrumento de comunicação segundo o qual, de modo variável de comunidade para comunidade, se analisa a experiência humana em unidades providas de conteúdo semântico e de expressão fónica. Ora, aprender uma língua, seja ela Português ou Latim, é adquirir um património de ordem cultural, pois a linguagem é uma grelha que o homem lança sobre a realidade para conseguir interpretá-la*⁵. Assim sendo, as palavras carregam consigo um significante da realidade vivida pelos seus falantes.

Para uma criança, *aprender a falar é aprender a comportar-se como um ser humano, é sujeitar-se a regras não só gramaticais e semânticas, mas psicológicas, lógicas, epistemológicas, pragmáticas e socioculturais. Com a aquisição do vocabulário e da sintaxe a criança habitua-se a atitudes e formas de pensar. Aprender a usar o “porquê”, o “quando” o “eu” e o “tu” é mais complexo do que colocar rótulos ou responder a estímulos*⁶. Se aprender uma língua possui esta complexidade, então ensiná-la não é menos complexo, porque *é intervir na formação global do indivíduo, é contrair com a sociedade uma responsabilidade decisiva no que tange à preparação para a vida, que é sobretudo existência social*⁷. Esta responsabilidade no ensino de uma língua materna acarreta implicações mais elevadas.

O *Programa de Português*⁸ do Ensino Básico diz-nos que *o ensino e a aprendizagem do Português determinam irrevogavelmente a formação das crianças e dos jovens, condicionando a sua relação com o mundo e com os outros. Se muitas vezes*

⁴ MARTINET, André Martinet (1977). *Elementos de Linguística Geral*. Coimbra, Sá da Costa. Pág 78.

⁵ CAMPOS, José António Segurado e (1992). “Literatura e ensino do Latim”. *Classica. Boletim de Pedagogia e Cultura*, nº. 18, Lisboa, Colibri, Março 1992, pág. 69 (o artigo fica entre as pp. 69-73).

⁶ CAMPS, Victoria (1976). *Pragmática del Lenguaje y Filosofía analítica*. Barcelona: Ediciones Península, pág. 143.

⁷ FONSECA, Fernanda e Joaquim. (1977). *Pragmática Linguística e ensino do Português*, Coimbra: Livraria Almedina, Coimbra, pág. 146.

⁸ Ministério da Educação, *Programa Nacional do Português 3º Ciclo*, Homologado em 2009, ainda em vigor.

designamos o Português como língua materna, não o fazemos certamente por acaso: naquela imagem representa-se bem a noção de que as línguas que aprendemos (e que a escola depois incorpora como matéria central) estão directamente ligadas à nossa criação e ao nosso desenvolvimento como seres humanos. Nesse caso, a função do professor de Português é de extrema importância no currículo escolar e na formação dos jovens.

O Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, num dos seus pareceres sobre a Formação de Professores, evidencia que *a experiência de várias décadas de formação de professores em Portugal e a investigação educacional (tanto no nosso país como no estrangeiro) mostram que esta formação não se pode reduzir à sua dimensão académica (aprendizagem de conteúdos organizados por disciplinas), mas tem de integrar uma componente prática e reflexiva. (...) É por isso importante que ele possa adquirir formação em outras áreas do saber para além da sua especialidade (...) que inclui nos objectivos curriculares não só conhecimentos mas também capacidades, atitudes e valores*⁹.

Aceitando a exigência e a necessidade do desenvolvimento de capacidades díspares, com códigos de atitudes e valores, no currículo do professor, não se pode descurar estas competências, que são, também, adquiridas, de alguma forma, através do conhecimento científico e académico. É através da reflexão, da interligação de saberes que se caminha para a sabedoria.

Sabendo que a sociedade ocidental tem a sua base nas Culturas Grega e Latina, limitar o Seminário de Didáctica do Ensino da Literatura, no âmbito do Mestrado em Ensino do Português, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, aos alunos da variante de Ensino do Português e das Línguas Clássicas, e excluir o Latim da formação base dos futuros professores de Português de todas as outras variantes (nomeadamente, Espanhol e Francês) vai restringir o acesso às culturas, aos textos e às línguas clássicas, dificultando-lhes a aquisição das ferramentas necessárias ao desenvolvimento de uma reflexão crítica fundamentada, na génese, estabelecendo vasos comunicantes entre os textos que apresenta aos alunos e os textos latentes que respiram neles e muito menos na experiência linguística. Ao não possuir o

⁹ Documento de Trabalho do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (2007). *Formação de Professores no Portugal de Hoje*.

conhecimento suficiente da profundidade da língua abre uma lacuna na sua formação, que vai ter repercussões. O que não deixa de ser discutível, visto que esta lacuna foi criada nas universidades ao decidirem, nos últimos anos, excluir o ensino do Latim e da Cultura Clássica dos *curricula* de formação de professores, nas variantes de Português/Francês, Português/Espanhol, etc. Os únicos a manter esta formação, no seu *curriculum*, são os futuros professores de Português e Línguas Clássicas. É de destacar, também, Português e Línguas Clássicas. Com estas coordenadas, não pode haver surpresas com os resultados negativos na disciplina de Português, quando o Latim se torna numa disciplina praticamente extinta, no ensino secundário.

Se o Latim facilita a aprendizagem do Português e de outras línguas, se o conhecimento dos étimos latinos e gregos contribui para um alargamento do léxico e ajuda na diminuição dos erros ortográficos e a descoberta do significado das palavras e da sua etimologia remete-nos para outras realidades culturais, não se entende a sua exclusão da formação de professores. E a ausência de uma Didáctica da Literatura e da Cultura e Literatura Clássicas vai ter consequências ao nível da reflexão crítica e fundamentada na análise dos textos. Há que ter a consciência que estes não são ilhas emergidas de um vulcão que entrou em erupção hoje. Os textos são retalhos de mantas, que cobrem a humanidade com a voz daqueles que viveram antes de nós. Só nesta realidade se consegue ter obras como *Amphitruo* de Plauto, *Auto dos Enfatições* de Camões, *Amphitryon* de Molière, *Les Sosies* de Rotron, *Comedy of Errors* de Shakespeare, *Amphitryon* de Von Kleist e *Um Deus dormiu lá em casa* de Guilherme de Figueiredo, relembrando apenas a título de exemplo uma obra de Plauto¹⁰.

Não se espera nem se exige que um aluno de Literatura Portuguesa ou Português no Secundário, estabeleça intertextualidades deste nível, mas espera-se que um professor de Literatura Portuguesa ou Português as consiga estabelecer. E para quê? Precisamente para dar a conhecer aos alunos que existe um fio condutor, uma voz uníssona que percorre a humanidade, desde os primórdios, e que essa voz pode renascer com eles. Como dizia Teixeira de Pascoaes *O Futuro é o passado que amanhece*¹¹.

Não se compreende o afastamento daqueles que são os textos fundadores. Com este património, esta herança cultural e linguística, o homem contemporâneo tem de ter a

¹⁰ TITUS MACCIUS PLAUTUS (230 a.C – 180 a.C) nasceu em Sarsina e foi um comediógrafo romano, que viveu durante o período republicano. As suas comédias estão entre as obras mais antigas em Latim preservadas integralmente até aos nossos dias.

¹¹ PASCOAES, Teixeira de. (1998). *Arte de ser Português*. Lisboa, Assírio & Alvim. Pág. 82.

noção que o distanciamento é meramente cronológico. Apesar de o homem ter avançado tecnologicamente, nas suas grandes questões, dilemas e angústias, permanece o mesmo. Seguindo esta premissa, não há distâncias entre culturas e muito menos em formas de interpretar o mundo. Se há laços que unem, inegavelmente, o Português ao Latim, há certamente, também, formas de estar, pensar e agir que colidem, entre a cultura Portuguesa e cultura Latina, mas se as semelhanças nos aproximam, as diferenças abrem caminhos para o respeito pelas diferentes formas de pensar e agir.

Na escola actual e no mundo contemporâneo urge a importância e o conhecimento dos textos que nos precederam, não só para não cairmos no erro de pensar que o mundo nasce connosco, mas também para se evitar o banal e os erros já identificados pelos que viveram antes de nós. Não serão certamente coincidências que, com o declínio do estudo das humanidades e o seu desprestígio, a desigualdade social, as injustiças e o capitalismo selvagem predominem, por vezes.

Observemos, agora, alguns objectivos¹² do programa da disciplina de Literatura Portuguesa, do secundário:

- Diversificar as experiências de leitura de modo a desenvolver a reflexão crítica, a sensibilidade estética e a imaginação.
- Desenvolver a competência de leitura crítica a partir do contacto com vários modos, géneros e convenções textuais.
- Apreciar a Literatura, reconhecendo-lhe a sua função de valorização social, cultural, pessoal e ética.
- Conhecer e ligar outras formas de arte, reconhecendo o fio condutor que as liga, entre si. (Interartes).

A disciplina de Literatura Portuguesa é, actualmente, uma disciplina opcional, apenas para os alunos do curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades. Os alunos dos cursos de Científico-Humanístico de Artes Visuais, Curso Científico-Humanístico de Ciências Socioeconómicas e Curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias não têm acesso a esta disciplina. Coloca-se, então, a questão fulcral. Somente aqueles alunos têm o direito de desenvolver tais capacidades? Como pode a sociedade exigir aos engenheiros, médicos, físicos, economistas, entre outros, o mundo

¹² De acordo com *Programa Nacional de Literatura Portuguesa de 10º e 11º ano*, homologado pelo Ministério de Educação, no Secundário, em vigor.

da imaginação, da arte, da abstracção, da estética, da reflexão crítica, etc., quando lhas segrega logo ao nível do secundário?

Há que ter consciência que a Literatura é *arte da língua*¹³, e é enquanto arte, que vai permitir *ao leitor progredir no conhecimento do mundo, em particular no domínio social, da sensibilidade, da ética, sem ter de se defrontar com todas as experiências dolorosas, difíceis e frustrantes que esse conhecimento e essa maior experiência envolveriam*¹⁴.

A ideia de que *Humanistas e Homens de Ciência e Tecnologia* são dois espécimes diferentes de costas voltadas só pode nascer de uma humanidade que não conhece o seu passado. Actualmente, existem estigmas que levam os alunos de Humanidades a ignorar as descobertas feitas pela ciência e os avanços tecnológicos e os alunos de ciências e tecnologia a olharem para os de “letras” como alienados, artistas e gente que não trabalha. Esta ideia, já Charles Percy Snow, um cientista e romancista inglês, descreve em 1959 no artigo *Two Cultures* quando fala na existência de dois grupos, com o mesmo nível intelectual, tendo a mesma origem social, mas que não comunicam entre si.

Tanto o aluno de Humanidades como o aluno de Ciências precisam de ter na sua formação base, ao nível do secundário, conhecimentos de Matemática e de Português, como têm o direito a frequentar, em regime opcional, Latim e Literatura Portuguesa, se assim lhe aprouver. Negar aos alunos de “Humanidades” o acesso a um raciocínio matemático é remetê-los para o analfabetismo numérico, num mundo capitalista e de mercados. Estes alunos vão, certamente, necessitar desse conhecimento lógico na sua vida prática. Tal como amputar a um aluno de *Ciências* as disciplinas de Literatura Portuguesa e Latim, se este as quiser frequentar, é limitar o seu campo de acção ao nível da estrutura do pensamento e da forma como vai desenvolver as suas ideias, ou não fosse ainda o Latim a língua internacional para os termos científicos, nas mais diversas áreas, desde a saúde à biologia, passando pela física.

Isabel Serra¹⁵ escreve num dos seus artigos que *muitos dos cientistas que revelam grande capacidade para resolver problemas de investigação, têm pouca “cultura científica”*. *Embora a especialização seja um fenómeno de todas as áreas, o saber*

¹³ GUSMÃO, Manuel (2003) *A Literatura no ensino da língua materna*. Lisboa: Românica, pág 183.

¹⁴ LEAL DE MATOS, M. Vitalina (1999). *O Ensino da Literatura*. Lisboa: Ed. Cosmos, pág 37.

¹⁵ Isabel Serra é Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e membro do Centro Interdisciplinar Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa (CITSUL).

individual, no caso da literatura ou da filosofia, é construído de forma diferente. Nesses domínios, ao produzir resultados, o investigador alarga os seus horizontes culturais, em vez de os restringir. (...) A investigação em ciências exactas criou uma comunidade de indivíduos, sem dúvida capazes, mas “analfabetos”, de muitos pontos de vista. É curioso que o mesmo tem acontecido em ciências humanas, tal como a história a sociologia, a psicologia, etc. A ânsia da especialização e da obtenção de resultados leva algumas vezes a um desprezo da “teorização” ou, no fim de contas, da reflexão. Nos congressos, é possível assistir a comunicações históricas que se resumem a um conjunto de dados e factos sem qualquer preocupação de enquadramento, que é a forma mais imediata de teorização em ciências históricas. A atitude desses investigadores é apenas o reflexo da tendência para reduzir a ciência a um conjunto de resultados. (...) Há também que ter em conta a “massificação” do trabalho científico. A importância das aplicações da ciência implicou um aumento considerável do número de trabalhadores em áreas de ciências exactas, na sua grande maioria, “técnicos” que, frequentemente, desprezam o saber “livresco”. A abundância de inovações criadas pela tecnociência, e o seu extraordinário sucesso, são também responsáveis por uma atitude de arrogância, por parte dos cientistas, própria de quem “produz resultados úteis”, mas também própria de quem sabe pouco fora da sua área de estudo¹⁶.

Esta ideia de que os alunos de Ciências e Humanidades são seres diferentes e devem viver em universos diferentes, rege os programas e a realidade da escola portuguesa, englobando alunos e professores, muitos deles de Português. Esta atitude leva à quase extinção do Latim, das Culturas Clássicas e da Didáctica da Literatura na sua formação, tanto de alunos como professores. E o que mais impressiona é a quase inexistência da oferta de escola da disciplina de Literatura Portuguesa, para não falar do Latim. Qual será a razão?

Se um professor de Português nunca aprendeu Latim, nunca teve uma cadeira de cultura clássica, não tem na sua formação pedagógica a Didáctica da Literatura em Português, então como pode transmitir aos alunos a importância e a dimensão da aquisição destes saberes? Como pode haver oferta ou procura da disciplina de Latim e Literatura Portuguesa, se não há professores com formação para leccioná-las ou

¹⁶ “O Indeterminismo e o problema das duas culturas” artigo escrito por Isabel Serra no âmbito do projecto de investigação do CITSUL.

incentivá-las? Não seria lógico que um professor de Português tivesse a capacidade científica e académica para leccionar Literatura Portuguesa, no secundário?

Não esquecendo que, com todas estas lacunas, importa, também, saber qual o verdadeiro estado do conhecimento da língua, por parte dos professores e alunos, visto que é ela a matéria-prima dos textos. *Não se pode ensinar língua sem o estudo da poesia, não se pode ensinar a poesia sem o estudo da língua. A gramática, a retórica e a poética, as três artes fundamentais da cultura e da escola do ocidente, têm como um dos pilares mais sólidos a indissociabilidade da língua e da poesia.*¹⁷ E ao contrário do que tem sido seguido, nos últimos anos, *o texto literário não deve ser considerado uma área apêndicular ou como uma área periféricamente aristocrática da disciplina do Português, como uma espécie de quinta senhorial escondida nos arredores da grande cidade da língua*¹⁸, sobretudo quando através dele se trava um contacto maior com palavras estranhas ao quotidiano dos alunos. Desta feita, é estabelecido um alargamento do conhecimento lexical e os vocábulos passam a ser reconhecidos e até aplicados no universo dos jovens. Esta ampliação do vocabulário permite-lhes estabelecer conexões com maior facilidade, para além de facilitar a compreensão e expressão, tanto oral como escrita.

B. Estratégias

A sala de aula deve ser um espaço aberto de comunicação. Esta pode ser unilateral - do professor para o aluno - bilateral - do professor para os alunos e dos alunos para o professor - ou multilateral - entre alunos e professor. Cabe ao professor a escolha e aplicação das mais diversas formas de comunicação, consoante as metas a que se propõe. Na minha óptica, a comunicação entre alunos e professor permite a troca de experiências, de conhecimentos e o acesso a pontos de vista diferentes. O tipo de comunicação a que a escola tradicional habitualmente recorre é a unilateral - do professor para o aluno - tendo este último uma atitude passiva e limitando-se apenas a reproduzir posteriormente. Há determinados conteúdos teóricos que necessitam de alguma exposição teórica, mas não poderão ser expostos de forma a permitirem a reflexão? Não será preferível, em vez de colocar os dados trabalhados perante os alunos,

¹⁷ SILVA, Victor Aguiar e (2010). *As humanidades, os estudos culturais, o ensino da literatura e a política da língua portuguesa*, Coimbra: Almedina, pág. 208.

¹⁸ *Ibidem*.

colocar-lhes desafios (cf. anexo nº 1), questões e dilemas que levarão à descoberta destes conteúdos por si próprios? Não deverá o professor ser um orientador? Durante as aulas que leccionei, procurei propor desafios e transformá-las em descobertas, através da partilha de conhecimentos. Recorri a várias formas de comunicação, consoante aquilo a que me propunha, mas a comunicação multilateral – entre alunos e professor – foi aquela com que mais me identifiquei. A necessidade de levar os alunos ao diálogo uns com os outros e de permitir a discussão de ideias é deveras importante, pois leva ao hábito de aceitar o ponto de vista do outro, a ter uma atitude mais activa em contexto de sala de aula e à reflexão em conjunto.

As escolhas dos materiais, as planificações, a coordenação dos tempos em aula e os métodos a aplicar revelam-se uma tarefa complexa que requer, para além de uma inteligência emocional e sensitiva, um largo conhecimento científico. Sem esse conhecimento, o professor não consegue interligar as mais diversas áreas que habitam a galáxia do ensino do Português, da Literatura e do Latim. Em primeiro lugar, o professor deve estar empenhado e motivado, estabelecendo metas para conseguir alcançar um patamar de exigência exímio. Este empenhamento e motivação têm de partir do próprio, através de uma reflexão diária e auto-conhecimento, erigindo uma sólida capacidade de resiliência.

O professor tem de ter em conta que faz parte de um sistema normativo, com objectivos a cumprir, mas o caminho a escolher, e a forma como o quer traçar, é seu. Há autores e obras de carácter obrigatório, no entanto cabe, ainda, ao professor a escolha das estratégias e materiais a adoptar.

No caso do ensino do Português e Latim torna-se propício e até apetecível este diálogo. O Latim não está morto; ele vive nas línguas românicas e no legado que deixou, tanto nas línguas como nas suas culturas, tornou-o, de certa forma, eterno. A história da literatura, a poesia, a retórica e a filosofia estão impregnadas da influência de autores clássicos.

O homem imita-se, reescreve-se, contamina-se, dialoga consigo e com o outro. Vê naqueles que admira os modelos a imitar. O conceito de imitação coabita com a humanidade desde a sua existência, fazendo parte do seu processo de sociabilização, pois é através da imitação do outro, que o homem aprende. Albert Bandura¹⁹ diz-nos

¹⁹ Psicólogo, autor da *Teoria Social Cognitiva* tal como Skinner, segue uma linha Behaviorista na Psicologia.

que a aprendizagem é feita por imitação, ou seja, o homem aprende pela observação dos outros, que considera modelos. A este tipo de aprendizagem chamou *aprendizagem imitativa ou vicarial* dizendo que se processa mais por imitação do que pela percepção, que se aprende e adquire saberes, e fazemo-lo por prazer, não por objectividade.

Edmund Burke²⁰ considera a imitação como uma das grandes paixões da sociedade, constatando que o desejo e o prazer estão-lhe sempre associados. Esta paixão vai crescer associada àquilo que o homem sente e ao que lhe transmite prazer. Tal como Bandura, Burke considera que o homem aprende pela imitação e pelo prazer que lhe proporciona. Todos os homens se imitam e avaliam uns aos outros, sem constrangimentos, transformando isso num acordo social aceite, no qual os comportamentos e as opiniões encontram um elo forte, ligando-os entre si. Este conceito de aprendizagem, por prazer, através da imitação de modelos, pode ser aplicado à pintura, à literatura e a todas as formas de arte, pois a imitação é a fundação base. O artista, seja ele poeta, pintor ou escultor, tende a imitar aqueles que admira ou a recriar a partir deles.

Nos anos 60, em França, começa a formar-se uma ideia de Literatura Comparada, com nomes como Yves Chevrel, Pierre Brunel que pretendiam estudar as influências de um autor noutro. Associado a esta Literatura Comparada surge com Julia Kristeva²¹ o conceito de intertextualidade que parte do princípio que *todo o texto se constrói como mosaico de citações, todo o texto é absorção e transformação de um outro texto*²². Foi a partir deste conceito de imitação e de intertextualidade que tentei estabelecer uma aprendizagem interactiva do Português e da Literatura Portuguesa ao Latim e à Literatura Latina, e *vice-versa*. Foi neste diálogo constante entre o passado e o presente que planifiquei as minhas aulas, sabendo que o acesso a um património histórico, seja ele linguístico ou cultural, leva os alunos a ter consciência da existência de um património herdado, ao qual se deve respeito e consideração.

²⁰ Filósofo e político irlandês, autor de *An Inquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and the Beautiful*.

²¹ Filósofa Búlgara-Francesa, crítica literária e psicanalista. Juntamente com Barthes, Todorov, Genette, Lévi-Strauss, Lacan, Greimas, Foucault, e Althusser, permanece como uma das principais estruturalistas. As suas obras têm também um lugar importante no pensamento pós-estruturalista.

²² KRISTEVA, Julia. (1974). *La Révolution du langage poétique*, Paris, Seuil. pág 23.

C. Elementos neoclássicos na Língua Portuguesa²³

Considerando que as línguas trazem consigo uma complexa evolução histórica, e que a estrutura social, onde esse organismo vivo habita, vai determinar essa mudança, pode tornar-se confuso o estudo etimológico de qualquer língua. Mas, quem quer estudar uma língua na sua base mais profunda não o consegue sem conhecer todas as suas fases.

O conhecimento da etimologia de uma língua permite percorrer o caminho das palavras, desde a sua entrada no sistema linguístico até à actualidade, e possibilita o estudo da formação de palavras (derivação e da composição), quer ao nível do significado quer da forma, comparando os derivados e os elementos dos compostos com as palavras de que se originaram, por exemplo.

A composição neoclássica é um processo muito recorrente na morfologia de muitas línguas europeias e não apenas nas neolatinas, pois muitas vezes este processo é utilizado na formação de vocabulários técnico-científicos.

O Latim (e o Grego por assimilação) é a base das línguas românicas e foi durante séculos a língua franca. Algumas Línguas modernas, como o Inglês ou o Alemão, que não têm na sua base a Língua Latina, contêm, no entanto, na sua estrutura linguística, uma enorme influência Latina e encontramos no seu vocabulário muitíssimos elementos clássicos. Esta influência surgiu com maior preponderância nos séculos XVII e XVIII, quando se deu a evolução das ciências e da tecnologia, na Europa, e houve a necessidade de globalizar e facilitar o reconhecimento dos termos utilizados cientificamente. Os vocábulos designados por neoclássicos estruturam-se com base em elementos de origem greco-latina. Partindo deste conceito de neoclássico, encontramos, então, palavras e mecanismos de formação semelhantes em diferentes idiomas. Tendo em conta palavras como *biólogo* ou *centímetro*, em Português, vamos encontrar semelhanças com o Inglês (*biologist*, *centimeter*), com o Alemão (*Biologe*, *Zentimeter*), com o Holandês (*bioloog*, *centimeter*) e, obviamente, com línguas românicas, como o Francês (*biologiste*, *centimètre*) e como o Romeno (*biolog*, *centimetru*).

Olhando para estas semelhanças, há que colocar inevitavelmente algumas questões ao nível da morfologia. Qual é a natureza da combinação e o estatuto dos elementos que

²³ Este subcapítulo surge na sequência de um trabalho que foi realizado no âmbito do Seminário de Mestrado “Gramática do Português e Ensino”.

ocorrem neste processo? Será que num sistema linguístico a sua incorporação é um fenómeno histórico que influencia o léxico ou é um mecanismo produtivo que cria todo um novo vocabulário, não sendo este exclusivamente técnico? Estas perguntas são algo complexas e levantam-nos vários problemas. Se decidirmos nomeá-los de afixos, como fizeram Bauer (1979) e Williams (1981), devemos admitir que podemos dividi-los em prefixos e sufixos. Neste caso elementos como *micro-*, *aero-*, *auto-* e *hidro-*, entre outros, são prefixos e *-grafo*, *-logo*, *-crata* e *-pata*, são sufixos. Se, por sua vez, os considerarmos raízes presas, como Heckler (1981) e Baeskow (2004), isso levar-nos-ia a elementos como *graf-*, geralmente associada aos afixos *-ia*, *-ico*, *-ar* e *-ismo* (*grafia*, *gráfico*, *grafar*, *grafismo*). No entanto, se escolhermos o termo forma combinatória (Bauer, 1988) teríamos de agrupar estes elementos em dois conjuntos: formas combinatórias iniciais (*eco-*, *bio-*, *euro-*) e formas combinatórias finais (*-voro*, *-fobo*, *-metro*). Mas, sendo um afixo uma unidade definida por uma posição pré-determinada na estrutura de uma palavra, à esquerda ou à direita de um outro constituinte com uma determinada categoria sintáctica, como tratar os elementos que podem ser um prefixo numas palavras e um sufixo noutras? Como classificar os elementos que ocorrem em *fonética/telefonía*; *filósofo/pedofilia*; *cronómetro/anacrónico*; *poliglota/glotologia*; *velocípede/pedicure*? Martinet (1977) vai denominá-los de confixos, ou seja, elementos que gradualmente adquirem características de afixos, mas, como oscilam de posição, formam uma categoria à parte.

Há uma grande quantidade de palavras com elementos de línguas clássicas que possuem características semelhantes e podem formar uma classe própria, a que podemos chamar, segundo alguns autores, *compostos* (cf., por exemplo, Petropoulou, 2004). As principais características da composição neoclássica, segundo Ralli (2009) são:

1) Na língua de origem (grego/latim), os elementos eram na sua maioria lexemas livres, que muitas vezes podiam receber marcas flexionais, o que não acontece nas línguas de assimilação.

2) Nas línguas modernas (português, inglês, francês, alemão, romeno, etc.) funcionam apenas como elementos morfológicos e não como palavras. Não ouvimos frases como

**Há gente que não tem bio própria.*

3) Pertencem a um vocabulário usado em campos científicos ou técnicos (*omnívoro, micróbio, litosfera, barómetro, electromagnético*) e na língua corrente (*bedeteca, discoteca*, etc.).

4) De um modo geral, apresentam uma vogal de ligação, mas existem algumas excepções como por exemplo *cosmonauta* e *biblioteca*. No caso do latim temos a vogal de ligação –i- (*fungicida, herbívoro*). No entanto, segundo a literatura, podemos em casos de hibridismo (Latim e Grego) encontrar a vogal de ligação –o-, que é predominante. Estas formações híbridas não são bem aceites pelos gramáticos, mas actualmente encontram-se bem enraizadas na nossa língua (*bicicleta, bígamo, monóculo, neolatino, monocultura*).

Em Português, os elementos de origem grega e latina são referenciados na *Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha & Cintra (1985) como *compostos eruditos*. Nesta secção, encontramos cerca de 130 radicais de origem grega e 80 de origem latina. Encontramos também, nesta secção, aquilo a que os autores²⁴ vão denominar de *Pseudoprefixos*, ou seja, certos radicais adquirem um sentido especial nas línguas modernas: *auto* (do grego *autós* = próprio, próprio de si mesmo) que tem o seu valor original em *autodidacta, autógrafo*, mas ao vulgarizar-se encontramos-lo em palavras como *automóvel* (veículo movido por si mesmo), e a partir daí temos *auto-estrada, autódromo*, etc. Mas será difícil admitir que, apesar de se anexarem de formas diferentes, pertencem à mesma categoria? Diria que não são fósseis porque permanecem vivos e sofrem mutações. Compostos ou afixos? Alguns comportam-se como compostos, outros como afixos. Neoclássicos? Isso significaria que são algo novo criado a partir dos clássicos? Concordaria com Bauer (1983)²⁵ ao denominá-los de neoclássicos, pois segundo Caetano (2010) *a combinação que hoje fazemos de elementos do grego e do latim destina-se a nomear novos objectos, conceitos, teorias, entre outros, que não existiam na Antiguidade Clássica*²⁶.

²⁴ CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. (1985) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Livraria Figueirinhas, pág. 11.

²⁵ BAUER, Laurie (1983). *English Word-Formation*. Cambridge: Cambridge University Press, pág.216.

²⁶ CAETANO, Maria do Céu. (2010). *A meio caminho entre a Derivação e a Composição*. Estudos Linguísticos/Linguistic Studies, 5, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, pág. 131. Disponível em: http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/revista/n5_fulltexts/5h%20maria%20caetano.pdf

Os elementos neoclássicos são apenas um exemplo da forma como a influência clássica resiste e existe na nossa língua. Esta presença viva não pode ser ignorada, nem tida como menor, pois o conhecimento da etimologia permite ao aluno o alargamento do vocabulário, levando-o a um raciocínio mais profundo da língua, nomeadamente na área de formação de palavras, e pode facilitar-lhe a aprendizagem do Português e de outras línguas modernas.

É com grande entusiasmo e orgulho que constato que, após mais de dois mil anos, línguas como o Grego Clássico e o Latim permanecem vivas nas línguas modernas. A cultura clássica permanece entre os homens, com os seus valores, com os seus pensamentos, pois os tempos mudam, mas o homem permanece o mesmo, nos seus dilemas, nas suas emoções, na sua forma de pensar as grandes questões e encontra na cultura e língua clássicas uma forma de se expressar.

II PARTE

PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

A. Escola Secundária de Pedro Nunes

A Escola Secundária de Pedro Nunes está situada na Avenida Álvares Cabral, na freguesia de Santa Isabel, em Lisboa. Foi criada em 20 de Janeiro de 1906, com a designação de Lyceu Central de Lisboa. A 17 de Novembro, muda-se para o edifício actual, projectado pelo arquitecto Ventura Terra, sob o nome Lyceu Central de Pedro Nunes.

Teve na sua fundação homens como o Dr. António de Sá Oliveira, seu primeiro reitor, que incessantemente repetia a mensagem *Nós nos educaremos*²⁷ e numa das suas palestras proferiu o pensamento seguinte: *Ensinar e educar não são termos equivalentes. Educar é fazer de uma criança um homem que não pode viver em sujeição perante o mundo que a cerca, que tem de pertencer a uma sociedade civilizada, que, por definição, há-de ser uma vontade. (...) É preciso formar em volta da escola a opinião pública, bem consciente de que ensinar é apenas um meio de educar e de que a educação feita só pelo ensino é incompleta e pode mesmo ser nula. Façamos das nossas*

²⁷ NÓVOA, António. (2003) *Liceus de Portugal – Histórias- Arquivos – Memórias* Lisboa: Edições Asa, Pág 97.

escolas institutos de educação.²⁸. Já, na sua fundação se denotava a influência do *Self Government*²⁹, tão em voga no início do século XX, divulgada em Portugal pela *Educação Nova*³⁰, por nomes como António Sérgio e Adolfo Lima, este último, docente naquela instituição. Esta pedagogia era alicerçada na descoberta, por parte dos alunos, dos conteúdos e dos contextos programáticos, conferindo-lhes a responsabilização necessária para desenvolver capacidades de autonomia. Todo este processo era orientado e supervisionado por professores. O que não deixa de ser inovador, para a época, visto que, actualmente, com o processo de Bolonha a mesma estratégia é utilizada.

A Escola Secundária de Pedro Nunes foi desde sempre o berço da formação de Professores. Os estagiários tiveram um papel de grande relevo na história do Liceu, pois traziam consigo metodologias inovadoras que eram testadas na escola, com os alunos, sob a supervisão dos orientadores.

A escola era muito exigente na formação dos futuros professores, o Reitor António de Sá Oliveira enfrenta as escolas superiores, que davam notas elevadas a alunos que não as mereciam. Escreve no Boletim da Escola *As escolas superiores dão altas classificações a alunos seus que não resistem a provas liceais (...) Os estagiários (...) têm dificuldade em compreender que, na sua classificação, entra alguma coisa a mais do que o ensino – a prática de outros serviços: que o valor docente não respeita apenas ao saber – abrange todas as qualidades pedagógicas que, em toda a sua prática profissional, devem ser consideradas, além da competência e destas qualidades, todas as demais condições a que deve satisfazer um professor – a assiduidade e a pontualidade, o zelo e dedicação pelo ensino e educação dos alunos, enfim – o espírito de professor que é todo ele feito de sacrifícios*.³¹. Este tipo de situação, por incrível que pareça, ainda hoje acontece nas nossas universidades, na área de formação de professores. Inúmeras vezes as planificações elaboradas nos seminários da Formação Inicial de Professores são avaliadas elevadamente pelos professores universitários,

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ *Self Government* confia aos alunos a organização da disciplina, ou a sua participação nas decisões relativas à escola.

³⁰ *Educação Nova* ou A Escola nova, também chamada de Escola Activa ou Escola Progressiva, foi um movimento de renovação do ensino, que surgiu no fim do século XIX e ganhou força na primeira metade do século XX.

³¹ GUERRA, Maria Luísa (2005) *Liceu Pedro Nunes, no Centenário da sua criação, 1905-1906*. Lisboa, Edição de autor, pág 146.

embora na realidade, além de a sua aplicação ser completamente irreal, em contexto de sala de aula, são inadequadas para as faixas etárias a que se destinam. Este desfasamento entre as universidades e as escolas secundárias continua a existir, e a universidade continua a premiar alunos que não possuem as melhores práticas pedagógicas. No entanto, posso afirmar que, ao longo do meu estágio, apercebi-me que a exigência face à formação de professores, de António de Sá Oliveira, mantém-se presente no corpo docente da escola e na política de orientação de estágios. Ainda hoje, a Escola Secundária de Pedro Nunes prima pela exigência, pelo rigor, pela forma carinhosa e aberta com que recebe os estagiários e os encaminha. Os estagiários são avaliados pelo trabalho que desempenham, pelas metodologias pedagógicas que aplicam em aula, pelo rigor científico e pelo seu profissionalismo. São tratados como fazendo parte do corpo docente da escola, tendo à sua disposição todas as condições necessárias para desenvolver o seu trabalho num ambiente harmonioso e de cultura. A coordenadora do Departamento de Português/Latim, a Dr^a Rosário Andorinha e a nossa orientadora, a Dr^a Carmo Soares, bem como a própria Direcção da Escola, os funcionários e os restantes professores estiveram sempre ao nosso lado, apoiando-nos e motivando-nos com desafios permanentes.

B. Ensino do Português

1. A Turma de 11º Ano de Literatura Portuguesa

A Turma de 11º Ano de Literatura Portuguesa é constituída por alunos do 11º G e 11º H e é composta por 18 alunos com idades compreendidas entre os 17 e os 20 anos. A disciplina de Literatura Portuguesa pertence ao curso *Científico Humanístico de Línguas e Humanidades*.

A minha orientadora tem, como é conhecido, uma larga experiência em ensino e, além disso, é dotada de uma inteligência emocional distinta, que lhe dá, muitas vezes, uma visão inovadora do que é o papel do professor e quais as metodologias adequadas para exponenciar os conhecimentos dos alunos. Sendo que foi através desta sua sensibilidade que nos permitiu a escolha da turma que iríamos acompanhar de forma assídua. Na sua pedagogia, o professor estagiário verá aumentar a sua confiança, a eficácia das suas escolhas e métodos, quando estes forem aplicados a uma turma com a

qual houver uma relação de empatia e afinidade. Dentro desta lógica, decidi que a minha turma seria a de Literatura Portuguesa do 11º Ano, turma que acompanhei durante todo o ano lectivo. Para além da empatia existente, senti sempre uma maior apetência para o secundário, visto que as temáticas são mais exigentes e permitem uma ampla abertura, dando a possibilidade de estimular e testar as conexões que pretendi estabelecer.

Nesta faixa etária, a postura, os objectivos, a assiduidade, os comportamentos e as atitudes revelam, já, alguma maturação, tornando as aulas espontâneas, leves e eficazes, permitindo uma maior fluidez e abertura tanto nas metodologias como nas temáticas

2. As Turmas de 8º Ano de Português

Assisti, também, às aulas de duas turmas do 8º Ano, nomeadamente a Turma 8º B e 8º D, tendo cada uma entre 31 a 33 alunos, com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos. Neste ciclo de estudos, encontramos ainda alguns indícios de comportamentos inadequados que podem, de alguma forma, condicionar o percurso das aulas.

O elevado número de alunos, a faixa etária própria de alguma dispersão provoca muitas vezes um desgaste mais acentuado do que em turmas de nível de secundário. A minha atitude, neste ciclo de estudos, foi radicalmente diferente daquela que adoptei no secundário. Apesar de manter, tal como no secundário, uma atitude de proximidade, não me permiti um à vontade na forma como abordava os alunos, pois verifiquei que os limites são facilmente ultrapassados e que há uma necessidade constante de regras. Os alunos nesta faixa etária são por natureza indisciplinados, não têm ainda objectivos académicos definidos e muitas vezes não conhecem os limites e não optam por uma postura correcta em contexto de sala de aula.

Consegui controlar as turmas, através da exigência e de não deixar espaços vazios em tempo de aulas, pois estes levam à dispersão e alienação. Tentei mantê-los activos, atentos, participativos e competitivos, pois a competição é uma característica típica destas idades.

3. Observação

O processo de observação, em contexto de sala de aula, é uma das mais importantes ferramentas de aprendizagem, pois confere ao observador um ambiente único, permitindo-lhe um olhar clínico, metódico e crítico, levando-o posteriormente à

reflexão, visto que esta multifacetada ferramenta de aprendizagem vai expandir-se muito para além do tempo de observação.

A professora Carmo Soares, durante as suas aulas, recorreu a diversos processos e métodos pedagógicos para chegar a um mesmo destino, tendo sempre em conta a turma a que se destinava. Uma determinada actividade numa turma de Secundário pode ser impraticável numa turma de 3º Ciclo, e uma metodologia aplicada ao 3º Ciclo pode ser um completo desastre no Secundário. Até dentro do mesmo ciclo escolar pode haver disparidades. Logo aqui, apercebi-me que um professor de 3º Ciclo e Secundário tem de ter uma ampla capacidade de adaptação, inteligência sensitiva e flexibilidade.

Outra das características que observei, como fazendo parte de uma das suas metodologias, foram os diversos tipos de linguagem utilizados, quer fossem corporais, gestuais ou conversacionais. Há uma nítida diferença, que eu própria verifiquei quando leccionei, entre o 3º Ciclo e Secundário. São públicos diferentes, com objectivos diferentes e maneiras de estar diferentes. Logo, sendo o professor um actor perante uma plateia, há que ajustar os recursos e as ferramentas. Sendo que a linguagem e as suas diversas tipologias são de maior importância na captação da atenção, no ritmo da aula e na medição do interesse dos alunos.

Existiu sempre, nas aulas da Professora Carmo Soares, uma dinâmica gradual. Começavam de forma suave, introdutória e positiva, nunca iniciando com um discurso punitivo ou interrogativo, mesmo quando havia situações pendentes das aulas anteriores. Esta fórmula permitia, assim, um ambiente acolhedor e renovado, que me levou a constatar que independentemente do que tenha acontecido, de bom ou de mau, na sala de aula, era necessário manter uma linha positivista, de ânimo e de motivação.

Verifiquei, também, que os alunos não desempenhavam um papel passivo. A professora tentava que fossem eles os dinamizadores, guiando-os, sem que estes se apercebessem, levando-os a assimilar o conhecimento pretendido para aquela aula. Esta fórmula, bastante eficaz, promovia a autonomia e a confiança no aluno.

Uma das estratégias a que a professora recorria era a planificação. Esta planificação não era algo inflexível, rigoroso, intransigente. Todas as aulas tinham objectivos aos quais se propunha, delineando estratégias e seleccionando materiais. Se durante uma aula, houvesse algo que a desviasse da estratégia, mas a levasse ao mesmo caminho, a professora não se opunha ao decorrer natural das circunstâncias, desde que os objectivos

fossem atingidos. Ao aceitar estes desvios, conseguia não só envolver os alunos, como manter-se a si própria motivada pelo decurso natural e inesperado da aula.

Foi uma experiência muito enriquecedora e única que me permitiu crescer ao observar seres humanos aprendendo e ensinando. Constatei diferentes formas de reagir, diversas formas de estar e variadíssimas maneiras de aprender.

4. Planificação

Planificar uma aula é um processo complexo e moroso. Há inúmeros aspectos a ter em conta, nomeadamente o ciclo de estudos, a idade dos alunos, os objectivos que se pretende atingir e a fórmula como se quer lá chegar (cf. anexo nº 2 e nº 3). Escolher os objectivos não é propriamente difícil, pois o professor faz parte de um sistema que os define por si. Talvez a tarefa mais complexa seja conjugar esses objectivos com a metodologia que pretende aplicar. Uma das minhas principais preocupações foi a clareza das planificações e dos materiais escolhidos, tendo em conta que estes poderiam ser reutilizados por qualquer professor.

4.1 Literatura Portuguesa 11º Ano

A turma que escolhi foi o 11º G e H de Literatura Portuguesa. O programa de Literatura Portuguesa é muito vasto e exigente. Requer, por parte do professor e alunos, um trabalho disciplinado, para que todas as leituras obrigatórias sejam cumpridas. Infelizmente, o tempo é breve e a *ars longa*.

Até chegar a cada planificação definitiva, passei por um longo processo de recolha e selecção, tentando munir-me de um forte conhecimento e rigor científico. Senti que era necessária esta investigação prévia, apesar de já conhecer as obras, para consolidar conhecimentos e adquirir uma segurança que me permitisse estar pronta para corresponder às exigências dos alunos. Estes alunos têm idades compreendidas entre os 16 e 20 anos, tendo já leituras feitas, opiniões estruturadas e conhecimentos adquiridos.

Uma das estratégias que adoptei, tendo em conta a faixa etária e o tema do meu relatório, foi estabelecer intertextualidades e relacionar diversas formas de arte. A escolha desta metodologia teve por base a premissa que informação não é conhecimento. Estes jovens têm acesso a muita informação; basta um clicar no Google e a temática, características e resumos de qualquer autor estão ao seu alcance; mas saber relacionar essas informações com outras épocas, com outras formas de arte e com outros

autores é algo que têm dificuldade, pois requer um conhecimento profundo e reflexivo. Com esta fórmula não quis dificultar-lhes o trabalho, mas sim prender-lhes a atenção e despertar-lhes a curiosidade. Dar-lhes algo que o computador e as novas tecnologias não dão.

Dar a conhecer a visão de poeta e do processo criativo em Platão e Horácio através do Romantismo e Almeida Garrett é abrir portas para aquilo que define o universo da criação poética até aos nossos dias. Falar de Cesário Verde, Mário Cesariny e Nuno Júdice, colocando-os a dialogar entre si e estabelecer pontes com as artes plásticas de Manet, Giorgione, Picasso, entre outros, através dos conceitos de *mimêsis*, *ékphrasis* e intertextualidade é entrar no mundo da literatura e nas suas galáxias, elevando-a para um lugar de destaque dentro das Humanidades.

Nobre, Baudelaire, Pessanha, Verlaine, Ricardo Reis, Catulo, Horácio, Plauto, Van Gogh, Paul Gauguin, Carlos Schwabe, Edward Munch, Mallarmé, Debussy, António Carneiro, Herbert Marcuse, Jean Moréas, Eugénio de Castro, entre outros, são alguns dos nomes que coexistiram nas minhas planificações, pois não há Simbolismo sem Baudelaire ou Moréas, nem Ricardo Reis sem Horácio ou Gil Vicente sem Plauto. E muito menos se entende poesia em profundidade sem conhecer mitos, deuses, ninfas e todo o universo que habita no nosso inconsciente. Levar para as minhas planificações estradas que guiem os alunos até àquilo que de mais profundo vive nas artes e ao mundo clássico é para mim um dever, uma obrigação moral. Mostrar-lhes que conceitos como plágio são conceitos novíssimos e que beber na fonte daqueles que se admira era prestar-lhes homenagem, sendo que cada ser é todos aqueles que o precederam.

4.2 Português 8º Ano

O 8º Ano era acompanhado pelo meu colega de estágio Joaquim Pacheco. Não houve da minha parte um acompanhamento continuado e não tinha uma turma deste nível de escolaridade atribuída. Houve várias aulas que leccionei, mas todas a turmas diferentes, o que me permitiu trabalhar sem rede, isto é, eram alunos que não conhecia, e que não acompanhava diariamente, logo não conhecia os seus comportamentos, as suas atitudes e a forma como se comportavam em contexto de sala de aula. Esta experiência foi bastante gratificante e permitiu colocar as minhas capacidades nos limites. Cada aula era um mundo novo, com caras novas e atitudes diferentes.

Como é sabido no 3º Ciclo os comportamentos e as atitudes são um dos problemas existentes. Tendo em conta a faixa etária e o grau de imaturidade, resolvi planificar aulas que fossem dinâmicas e que levassem os alunos a ter uma postura activa. Cada aula tinha obrigatoriamente que ter uma componente prática, pois a capacidade de concentração nestas idades é muito limitada. Recorri a alguns jogos de computador e filmes sobre mitologia, nomeadamente o jogo de computador *God of War* e filmes como *O Minotauro*, *Os Imortais* ou *Duelo de Titãs*, que fazem parte do seu universo, para permitir-lhes o acesso à poesia. Desta forma, consegui captar a sua atenção e levantei o véu da curiosidade, que é essencial nesta fase.

Não foram muitas as aulas leccionadas neste ano, mas foram suficientes para perceber as diferenças entre o 3º Ciclo e o Secundário. A atitude do professor, nestes anos, acaba por ser mais exigente em termos de concentração mental, pois os comportamentos dos alunos podem levar à dispersão e perturbar o normal funcionamento da aula. Aqui, o professor tem de ser inevitavelmente uma figura de autoridade e conseguir regular o barómetro entre a indisciplina e os conteúdos programáticos. Não é uma tarefa fácil, daí que as planificações sejam de extrema importância, para que exista um fio condutor que o encaminhe. Enquanto num nível do secundário o professor pode e deve ser flexível, neste ciclo de estudos a dificuldade existe em conseguir manter uma linha estruturante.

5.Execução

Ter conhecimento científico e académico é importante e fundamental para qualquer professor que exija rigor a si próprio, mas não é suficiente para desempenhar a sua tarefa em pleno. Saber transmitir aquilo que se sabe é crucial.

Coloco a perspicácia e a inteligência emocional e instintiva no cimo da pirâmide: sem elas um professor fica indefeso. Estas qualidades permitem antecipar situações desagradáveis e identificar possíveis vulnerabilidades nos alunos.

Tentei nas minhas aulas transmitir os conhecimentos de uma forma adequada e leve, sem movimentos bruscos entre actividades, para permitir uma maior fluidez e naturalidade. Para cativá-los adoptei uma postura mais familiar, tratando-os com respeito, mas de forma próxima, mostrando-me aberta a novas estruturas de pensamento e desenvolvendo cumplicidades.

Todo o processo de execução de uma planificação requer alguns requisitos. Procurei ter consciência de que não é um processo rígido e de que pode ser alterado durante o decurso da aula. Esta atitude teve de ser posta em prática num segundo bloco de uma sequência didáctica alicerçada num trabalho elaborado em casa, pelos alunos. Ao constatar que esse trabalho não havia sido elaborado, a planificação foi alterada na hora.

Recorri a diversas abordagens e tentei manter o diálogo aberto e instiguei à discussão entre pares, de forma a levá-los a reflectir entre si e a desenvolver competências argumentativas.

Essa abordagem chama-se método (*meta* = atrás, em seguida, para além de + *hodós* = caminho), nesse caso pedagógico, que significa o caminho para algo, que se quer fazer cumprir. Inúmeros são os métodos pedagógicos, mas, antes de o professor o(s) seleccionar, há que ter em conta a faixa etária dos alunos, as características da turma, o tempo que pretende despende e as condições em que os vai executar. Depois desta averiguação, finalmente, o professor pode debruçar-se sobre o(s) método(s) a aplicar, que pode(m) ir desde o expositivo ao interrogativo, ao demonstrativo, entre outros. O método a que recorri, foi o activo. Este método engloba todos os outros e centra-se no aluno. O professor tem uma atitude dinâmica e participativa, onde através da promoção de debates, discussões de grupo, questões abertas, *brainstorming*, leitura de textos, visualizações de vídeos ou imagens leva o aluno a levantar questões, estabelecer analogias, identificar dificuldades e apreender os conteúdos de forma activa. Este método requer alguma maturidade por parte dos alunos e o professor estabelece-se não como regulador, mas como mediador.

Uma das coisas que penso ser muito importante é a motivação. O reforço positivo é essencial para motivar os alunos. E aplicá-lo com sentido de humor e ironia pode duplicar os efeitos. Por vezes, durante as aulas brinquei, disse piadas, utilizei vocábulos próximos dos seus, para haver uma maior identificação e promover a proximidade.

Houve dias difíceis, em que não consegui manter a atenção de toda a turma e revelo que é dos momentos mais frustrantes e angustiantes. Compreendo que o mundo lá fora é muito mais interessante, mas é minha obrigação conseguir, ou pelo menos tentar, levá-los para o universo da minha sala de aula.

Jovens nesta faixa etária têm outras prioridades, outros interesses e ideias próprias, o que torna o desafio ainda mais interessante. É aqui, nesta etapa das suas vidas, que

caminhos podem ser descobertos, autores revelados, interesses renovados e vidas começadas.

Há planificações, há metodologias, há formas de execução, mas o ser, por ser humano, é imprevisível, o que torna as aulas muito mais interessantes, exigentes e ricas. Para mim, é essa imprevisibilidade, essa riqueza do olhar renovado do outro que me motiva.

5.1 Literatura Portuguesa 11º Ano

Com o estudo do Romantismo (cf. anexo nº4) e de Almeida Garrett, em *Folhas Caídas* procurei estabelecer diversos pontos de contacto com a mitologia clássica, nomeadamente entre o poema *Anjo Caído* (cf. anexo nº5) de Almeida Garrett e a personagem mitológica de Cupido (cf. anexo nº6). Outras das minhas preocupações foram demonstrar as diversas visões do que é ser poeta, nomeadamente através das grandes concepções estabelecidas pela visão classicista horaciana e platónica (cf. anexo nº1). No estudo do texto dramático *Auto de Gil Vicente* de Almeida Garrett as personagens Gil Vicente e Bernardim Ribeiro foram lembrados pela sua inovação e relevância no contexto literário e o Teatro Clássico não foi esquecido (cf. anexo nº7). No estudo desta peça, não pude evitar o contacto com Plauto, Menandro e Aristófanes, desbravando um caminho de idas e vindas entre vozes que cantam eternamente uníssonas.

Ao estudarmos o romance *Amor de Perdição* de Camilo Castelo Branco viajámos até ao mundo extenso e conturbado de amores exacerbados e intensos, no qual questionámos, em forma de debate, a trilogia Mariana/Simão/Teresa, comparando-a com o filme *Um amor de Perdição*³² de Mário Barroso, de 2009, e as diversas formas de amar intemporais. Aqui, tentei levantar o pano da tragédia clássica e dos grandes dramas humanos, que assolam a humanidade desde os primórdios. Inevitavelmente, fiz referência à obra de Platão *Banquete*³³, contando aos alunos, em tom de resumo, a visão platónica de amor encontrada na obra. Foi interessante ver a forma fluida e desinibida como esta geração fala de amor. Houve uma permanente dicotomia entre pragmatismo e

³² “Um Amor de Perdição” é uma adaptação moderna do livro “Amor de Perdição” de Camilo Castelo Branco e foi dirigida por Mário Barroso, em 2009. Esteve nomeado para a categoria de melhor filme no *Buenos Aires International Festival of Independent Cinema* e foi-lhe atribuído Globos de Ouro em diversas categorias, em Portugal.

³³ PLATÃO. (2010). *O Banquete*. (tradução de Maria Teresa Nogueira Schiappa de Azevedo) Lisboa, Edições 70.

sentimentalismo, que na realidade tornou o debate deveras interessante, pois surgiram opiniões diversas e contraditórias, que foram sempre bem-vindas.

Entregar um guião de debate (cf. anexo nº8) prendeu-se com a necessidade de estabelecer algumas regras de participação, que acabou por revelar-se bastante proveitosa, tendo em conta que a expressão oral é um dos tópicos de avaliação (cf. anexo nº9), no ensino secundário. A expressão oral é um tópico de grande relevância, sabendo que articular correctamente as palavras e ter capacidade argumentativa é fundamental para a vida profissional, familiar e quotidiana.

Ao entrarmos na poesia, tentei estabelecer uma ponte entre a arte e a poesia mostrando que o diálogo entre as mais diversas formas de arte, não é só possível como incontornável (cf. anexo 10). Em Cesário Verde (cf. anexo nº11) a intertextualidade do poema *De Tarde* permitiu diálogos com o poema *Cesário Verde (variante sem burguesas)* de Nuno Júdice e *Homenagem a Cesário Verde* de Mário de Cesariny. O acesso a diálogos entre poetas levou a que entendessem o estudo da literatura como um processo de continuidade e de diálogo de vozes que se cruzam entre si. Esta forma de olhar a literatura foi sempre aquela que me guiou ao longo de todo o ano lectivo. Através de António Nobre, caminhei até Baudelaire (cf. anexo nº12). Em Camilo Pessanha, percorremos a pintura, a música no simbolismo (cf. anexo nº13).

Fernando Pessoa e os seus heterónimos foram sempre vistos em confluência com o mundo onde viveram. Partindo de um texto de António Tabucchi, *A hora dos fantasmas* (cf. anexo nº14), entrámos no universo pessoano. No mundo de Álvaro de Campos, nomes como John Milton, Walt Whitman, Edgar Allan Poe, Marinetti, Charlie Chaplin (Tempos Modernos). Fritz Lang (Metropolis) fizeram parte das nossas aulas (cf. anexo nº15). Horácio (cf. anexo nº 16), o estoicismo e o epicurismo (cf. anexo nº 17) levaram-nos a Ricardo Reis e pontos de contacto foram estabelecidos com nomes como António Ramos Rosa e Carlos de Oliveira (cf. anexo nº18).

Para chegarmos ao existencialismo de Vergílio Ferreira, Kierkegaard, Nietzsche, Sócrates, Sartre, Camus, Ingmar Bergman, Andrei Tarkovsky e nomes relevantes na pintura abriram-nos caminho (cf. anexo nº 19).

5.2 Português 8º Ano

De entre as temáticas que fazem parte do programa de Português do 8º Ano, foi o texto narrativo e as categorias do texto narrativo (cf. anexo nº20) que decidi abordar.

Selecionei um excerto do livro de Branquinho da Fonseca *O Barão* (cf. anexo nº21) para análise (cf. anexo nº22) em contexto de sala de aula. A perplexidade e a estranheza com que os alunos receberam o texto, numa fase inicial, levaram a denotar que o grau de dificuldade e a complexidade lexical do texto escolhido os assustou, causando-lhes alguma inquietação. Mas, esse susto inicial e essa inquietação prenderam a sua atenção e mantiveram-nos cativos de tal ordem que fez com que, no final da aula, alguns mostrassem vontade de ler a obra. O caminho, outrora sinuoso, acabara por se entranhar no imaginário destes alunos. À partida, uma obra como *O Barão* de Branquinho da Fonseca seria impensável para alunos de 8º Ano, mas veio a verificar-se perfeitamente adequada, cabendo ao professor a escolha, análise e planificação da bibliografia, que apresentará aos seus alunos, tentando sempre inovar e desafiar o *status quo*. Ele é o responsável pela montra e pela divulgação de um património de qualidade literária. Portanto, cabe-lhe a procura, o rastreio, a indagação permanente, a reformulação de uma espinha dorsal, que servirá de base para estes jovens trilharem o seu caminho.

Um dos pontos do programa que escolhi foi a poesia. A poetisa que resolvi apresentar foi Sophia de Mello Breyner Andresen, por considerar que é uma autora conhecida pelos alunos, visto que muitos dos seus livros fazem parte dos programas dos anos anteriores, e porque a sua poesia é um diálogo constante com a cultura clássica. Pensei que seria interessante escolher um mito fundador e que fosse facilmente reconhecido pelos alunos – O Minotauro. Este mito aparece em jogos de computador, em filmes, em banda desenhada e está bem presente no imaginário dos alunos. Em primeiro lugar apresentei-lhes o poema *O Minotauro* (cf. anexo nº23) sem nenhuma explicação prévia da civilização minóica ou referência a Creta e ao rei Minos. Leram o poema e foi interessante perceber que muitos deles não o compreenderam nem conseguiam fazer associações. Depois desta leitura foi-lhes apresentado o mito e a realidade sobre o Minotauro (cf. anexo nº24). No final, voltámos ao poema e aí foi com grande entusiasmo que conseguiram interpretá-lo e rever dilemas, questões e palavras-chave. A partir daqui, analisámos o mito do Minotauro na poesia portuguesa (cf. anexo nº25) e elaboraram, eles próprios, poemas sobre esta civilização e este mito (cf. anexo nº 26). É deveras gratificante perceber que o acesso à cultura clássica (cf. anexo nº27) abre caminhos e diálogos e que os alunos facilmente caminham por estas estradas.

5. Avaliação

Para a turma de 11º Ano de Literatura Portuguesa, tive a oportunidade de elaborar quatro testes de avaliação sumativa (cf. anexos nº 28, 29, 30 e 31), de seleccionar os objectivos, os conteúdos, os respectivos critérios e cotações. Foi das tarefas mais interessantes que me propuseram. Elaborar um teste é um desafio ao próprio professor. Primeiro tive de definir os conteúdos e os objectivos a cumprir pelos alunos e verificar se os tinha transmitido de forma clara, além de ter a certeza que tinha fornecido as fontes e os meios para lá chegarem. Num segundo plano, foi encontrar o(s) texto(s) e/ou o(s) poema(s), que permitissem a desconstrução e abrissem pontes para os objectivos que pretendia. Antes de proceder a esta selecção, verifiquei se era possível essa desconstrução. Todo este processo de selecção é muito interessante, mas pode ser falacioso, pois há que ter em conta que cada aluno vê, analisa e descobre caminhos diferentes, por isso há que encontrar um texto que, permitindo essa liberdade, consiga indicar um caminho que deriva noutros. A questão das perguntas requer uma gradação, uma desconstrução gradativa, de forma a levar o aluno a percorrer o texto do início ao fim e convém obedecer a uma tipologia. Estas devem ser elaboradas por ordem crescente de dificuldade, e devem, também, permitir que os melhores alunos se distingam e os que têm maiores dificuldades não percam o barco e consigam atingir os mínimos exigidos, para que não haja um fosso de extremos díspares e cause desconforto e desinteresse.

As cotações e os critérios de correcção foram adaptados partindo dos exames nacionais. Desta feita, os alunos habituam-se às exigências e aos critérios dos exames, permitindo-lhes uma familiaridade aquando da época de exames.

Avaliar alguém é sempre angustiante, pois o aluno é muito mais do que aquilo que escreve nos testes, mas há que ter uma medida, para evitar injustiças. Foi, sem dúvida, interessante e muito gratificante ler respostas que revelaram atenção e interesse prestados nas aulas. Isso aconteceu. Senti-me feliz. Havia conseguido transmitir a mensagem.

6. Reuniões

Assisti a três reuniões: à primeira reunião do ano lectivo do Departamento de Português/Latim, a uma reunião de avaliação das turmas que acompanhei e à reunião final do ano lectivo do Departamento de Português/Latim.

Foi uma experiência muito interessante. Na primeira e na última reunião fui mera observadora, o que me permitiu ter uma visão privilegiada, visto que enquanto espectadora pude analisar atitudes, estudar comportamentos e perceber alguns tipos de raciocínio. Alguns professores, tal como eu, eram novos na escola, outros já se conheciam e eram bastante próximos. O espírito era de colaboração, de optimismo e de empenho. Todos tinham um ar fresco, com os olhos cheios de vida e de ideias que queriam desenvolver. Enquanto, na última reunião, os olhares eram baços, cansados e algo desiludidos.

Esta mudança não foi repentina; fui denotando, ao longo do ano lectivo, um desgaste que se adensava nas atitudes e nos semblantes dos professores, o que me permitiu retirar algumas conclusões. A profissão de professor é feita de esperança e de um abrir portas para que os alunos progridam nesta aventura que é a vida.

Na reunião de avaliação das turmas que acompanhei tive um papel mais activo e participei na avaliação dos alunos. Percebi que alguns professores não gostam que as suas notas tenham grandes discrepâncias das dos seus colegas, o que me levou a questionar se esta seria a melhor forma de proceder. Se um aluno tem um 12 a Filosofia, porque não pode ter um 17 a Literatura Portuguesa? Se tem negativas a várias disciplinas, porque não pode ter um 18 a História ou a Inglês? Não concordo com este nivelamento de notas, pois um aluno pode perfeitamente ser excelente numa determinada área e noutra não ter a menor aptidão.

7. Criação de um Wiki para a disciplina de Literatura Portuguesa

Uma das situações que constatei foi a necessidade de facultar previamente os materiais aos alunos para que, de alguma forma, conseguissem preparar-se para a aula de Literatura Portuguesa; outra situação era a necessidade de estes materiais estarem disponíveis *online* para consulta, sempre que necessário.

Sendo professora estagiária não tive acesso ao *moodle* da escola e tive que pensar numa forma acessível de disponibilizar os materiais utilizados em aula, nomeadamente *PowerPoints* e Textos de Apoio.

Resolvi criar um Wiki, no *Pbworks*, com o nome *Literatura Portuguesa*³⁴ que tinha na página inicial um excerto do filme *O Clube dos Poetas Mortos*³⁵ e uma citação da

³⁴ literaturaportuguesa.pbworks.com.

personagem principal, o Professor Keating: *Quando pensam que sabem uma coisa, têm de olhar para ela de maneira diferente, mesmo que vos pareça tolo ou errado, devem tentar! Ao ler, não tenham apenas em mente o que o autor pensa, pensem naquilo que vocês pensam, esforcem-se por encontrar a vossa própria voz. Quando mais esperarem, menos possibilidade têm de a encontrar. Thoreau disse que a maioria das pessoas vive vidas de silencioso desespero. Não se resignem a isso. Libertem-se!*

Nesta página do Wiki, os alunos tiveram acesso *online* permanente a todos os materiais e as pastas encontravam-se divididas por autores. Este tipo de Wiki permitia ao criador saber quando e quem visitou a sua página, visto que requeria um registo prévio dos visitantes. Desta forma, facilmente conseguia perceber se havia ou não interesse, por parte dos alunos, e que materiais mais procuravam. Foi curioso verificar que a frequência do número de visitas aumentava sempre que a data dos testes se aproximava ou quando, previamente, os alertava para a leitura de alguns textos necessários na aula seguinte. A criação do Wiki revelou-se uma ferramenta de trabalho eficaz e um excelente auxiliar de apoio às aulas.

C. Ensino do Latim

1. Curso livre “Língua e Cultura Latinas”

A ideia do Curso livre de “Língua e Cultura Latinas” surgiu logo no início do ano lectivo, em Setembro. A professora Carmo Soares sugeriu que elaborássemos uma oficina com os alunos. Tendo em vista que a minha temática estava relacionada com a interactividade de aprendizagem entre o Latim e o Português, que ainda não estava definido o local onde iria frequentar o estágio de Latim e este havia sido extinto da Escola Secundária de Pedro Nunes, resolvi avançar com uma oficina de Latim e Cultura Latina.

Tratando-se de um curso de carácter livre, era necessário conseguir cativar os alunos de forma a inscreverem-se no curso. A primeira estratégia foi ir às salas de aula dos 7ºs e 8ºs anos, explicar a importância do estudo Latim e a sua utilidade nos nossos dias. Em

³⁵ *Dead Poets Society* é um filme norte americano realizado por Peter Weir e escrito por Tom Schulman, em 1989, que contou com Robim Williams e Ethan Hawke, entre outros, e que ganhou um Óscar da Academia de Hollywood como Melhor Argumento Original e diversos prémios de renome como “Globo de Ouro”, “Bafta” e “Prémio César”.

seguida procedi à elaboração de cartazes publicitários (cf. anexo nº32) carregados de referências familiares a estas idades. O certo é que pouco a pouco os alunos foram aparecendo, uns movidos pela curiosidade, outros pelo desejo de erudição e outros ainda por vontade dos pais.

2. *Cambridge Latin Course*

Neste curso decidi utilizar o Manual do *Cambridge Latin Course*, adaptando e traduzindo os materiais directamente do Inglês. Escolhi esta metodologia por acreditar que contém uma pedagogia inovadora, que penso ser a mais adequada para alunos com idades compreendidas entre os onze e os treze anos. Este método parte da história de *CÆCILIUS*, um antigo habitante de Pompeia e percorre todas as histórias da sua família, dos seus amigos, do seu trabalho, da sua religião, etc., levando-nos a viajar pelos costumes da Cultura Clássica Latina. Enquanto, isso, ensina a língua, partindo de frases, textos e recorrendo a imagens que vão permitindo associações.

Esta metodologia ensina a Língua Latina da mesma forma que os alunos aprendem as línguas modernas. Não se recorre ao dicionário e a gramática é algo que vai surgindo lentamente, contextualizada nos textos e nos diálogos.

Conforme esperava, este método revelou-se, além de interessante, muito eficaz, permitindo a fácil compreensão e assimilação dos conteúdos. Ao contrário do que seria de esperar num curso de *Língua e Cultura Latinas* os alunos preferiram sempre aprender Latim e traduzir textos a estudar a Cultura Latina.

Várias metodologias causam frustração nos aprendentes, por não conseguirem corresponder às expectativas, que eles próprios ambicionam. Na aprendizagem da Língua latina, muitas vezes, verifica-se, no início, um grande interesse, entusiasmo e motivação, por parte dos alunos, que se vai desvanecendo à medida que a dificuldade aumenta. Com o método de *Cambridge* isso não se verifica, pois o aluno encara a língua como um desafio, um código, um jogo, com qual vai recebendo pequenas compensações que o motivam a avançar.

3. O Grupo de Latim

Tratando-se de um curso livre, optei por não chamar turma ao conjunto dos alunos que o escolheram; resolvi chamar-lhe grupo. Este grupo contou com cerca de 12 alunos (10 raparigas e 2 rapazes). Esteve dividido em dois horários, terças e quintas das 14.15h

às 15.00h. O grupo de terça-feira era constituído por seis alunas de 8º Ano, com idades compreendidas entre os 12 e os 13, e o grupo de quinta-feira era constituído por seis alunos (4 raparigas e 2 rapazes) de 7º Ano, com idades compreendidas entre as 11 e os 12 anos.

O grupo revelou-se coeso e manteve-se firme até ao final do ano lectivo. Não houve desistências, apenas algumas oscilações ao início, mas que estabilizaram a partir do meio do 1º Período.

Foi com bastante surpresa que verifiquei que os alunos se mantiveram interessados e que cumpriram com os trabalhos de casa e as actividades propostas, pois tratando-se de um curso livre seria de esperar alguma irresponsabilidade.

Muitas foram as vezes em que alarguei o período da aula de 45 minutos para 90 minutos, a pedido dos alunos e em várias ocasiões trouxeram colegas que não tinham tido aulas para assistir à nossa.

O facto de o grupo não ser muito grande permitiu uma familiarização e um grau de cumplicidade que se tornou facilitador na aprendizagem, visto que facilmente me apercebia das dificuldades de cada um.

4. Observação

Tendo em consideração que na Escola Secundária de Pedro Nunes, a única pessoa a leccionar Latim era eu, não tinha como proceder à observação de aulas de Latim. Pedi, no entanto, à Professora Doutora Leonor Santa Bárbara se poderia pedir autorização ao Professor Doutor André Simões, professor associado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, para observar as suas aulas, visto que era o único horário em que eu tinha alguma disponibilidade.

Embora o contexto fosse diferente, pois tratava-se de aulas para alunos universitários, permitiu-me apreender outras metodologias e alargar os meus conhecimentos pedagógicos.

O Professor Doutor André Simões direccionava as suas questões à turma permitindo a quem se sentisse mais à vontade que respondesse. As traduções eram elaboradas em aula, havendo tempo para a sua correcção, o que permitia aos alunos tirar as dúvidas no momento em que se deparavam com elas. Constatei que o Professor ia fazendo referências etimológicas, levando os alunos a ter sempre presente a ligação entre o

Português e o Latim. O dinamismo do método praticado (activo) abre aos alunos e ao professor uma ligação ao diálogo e à constante aprendizagem.

Embora o contexto seja diferente, pois a diferença de idades dos alunos é significativa, o interesse, o empenho e a dedicação é uma característica comum. Um estudante de Latim sabe que tem de se aplicar, ter atenção nas aulas e trabalhar, se quer ser recompensado com a aprendizagem da língua.

Foi uma experiência deveres enriquecedora pois permitiu-me de certa forma recordar os meus tempos de estudante e relembrar a forma viva e curiosa com que ia para as aulas de Latim. Estas recordações acabaram por me colocar novamente no papel do aprendiz e relembrar o que leva e motiva um aluno a querer aprender Latim. O dinamismo, o redescobrir de um passado, os ecos de outro mundo e o acesso a uma cultura milenar são as armas a que um professor deve recorrer, de forma a manter o olhar vivo, curioso e atento dos alunos, seja de que faixa etária for.

5. Planificação

Planificar todo um curso anual de Língua e Cultura Latina, para idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos, não foi uma tarefa fácil. Houve vários aspectos a ter em conta, nomeadamente os objectivos e as metas que queria atingir, as competências que pretendia ver desenvolvidas e, ao mesmo tempo, tornar o programa do curso atractivo, tanto para os alunos, como para os pais, visto tratar-se de um curso livre que iria ocupar algum tempo de estudo às outras disciplinas obrigatórias.

Na Planificação Anual (cf. anexo 33) o grande foco foi desenvolver, através de outras realidades culturais, a Educação para a Cidadania e partindo deste grande tema o objectivo era subdividi-lo em duas grandes áreas: *Atitudes e Valores* e *Competência Linguística*, duas grandes áreas de competências transversais, no *curriculum* escolar, sendo que a primeira ocupa, no 3º Ciclo, 20% da avaliação final dos alunos, em cada disciplina. Esta competência foi desenvolvida, no programa anual, através do conhecimento da Cultura Latina, nomeadamente nos hábitos quotidianos, no conhecimento de Mitos e Lendas da Antiguidade Clássica, e na contextualização histórica e cultural do povo latino, bem como o reconhecimento da herança latina em território nacional, nomeadamente a Província Romana da *Lusitânia* (cf. anexo nº 34).

A Competência Linguística, no caso do Latim, funcionou como facilitador na aprendizagem do Português, nalguns casos até do Alemão, do Francês e do Inglês,

permitindo ao aluno o reconhecimento das matrizes etimológicas, a sua difusão na língua portuguesa, o alargamento de vocabulário e a correcção ortográfica.

Este Plano Anual teve como uma das ferramentas de apoio o Manual do *Cambridge Latin Course* – Unidade I traduzido e adaptado directamente do Inglês, por mim, bem como materiais elaborados especificamente para determinadas temáticas.

6. Execução

As aulas foram sempre muito dinâmicas e estabeleceu-se uma grande empatia com os alunos, tendo em conta que o número reduzido de alunos permitiu uma maior cumplicidade e proximidade.

Na maioria das vezes, as aulas ocorreram na biblioteca da escola, local onde facilmente tínhamos acesso a livros e às novas tecnologias, onde o *site* www.romereborn.virginia.edu permitiu aos alunos viajar por aquela que foi a capital do império romano. O recurso às novas tecnologias e a filmes e jogos de computador foram uma constante, de forma a tornar as aulas mais activas e familiares a uma geração que se move pela imagem.

Por incrível que pareça, os alunos encararam a tradução como um desafio, um jogo e preferiam muitas vezes as aulas de língua às aulas de cultura. A competitividade, própria da idade, a curiosidade e o mistério de ter acesso a uma língua antiga proporciona-lhes o fascínio e leva-os a interessarem-se por este universo latino.

Ao longo do ano lectivo, foram várias as iniciativas em que os alunos participaram activamente. Na Semana das Línguas, o Latim não quis ficar de fora e participou com *Hebdomas Linguae Latinae*. Durante esta semana foram expostos trabalhos dos alunos, no átrio da Escola, que tinham como mote os deuses romanos, a alimentação nos tempos de Roma, a origem dos meses do ano, as lendas da fundação de Roma e dos gémeos Rómulo e Remo. Durante esta semana, houve uma Aula Aberta de Latim a toda a comunidade escolar.

Decidiu-se, também, organizar uma acção de sensibilização para o estudo das Humanidades e do Latim, denominada *As Humanidades e o Latim, hoje!*. Esta palestra teve como convidado o Professor Doutor Manuel Rodrigues, Professor reformado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e contou com a presença de diversas turmas do 3º Ciclo, que se mostraram bastante interessadas.

Nesta palestra os alunos do curso livre participaram activamente como grandes entusiastas.

Ao longo do ano, tentou-se perceber se o estudo do Latim tinha alguma influência prática na disciplina de Português. Através dos resultados positivos obtidos pelos alunos que frequentavam o curso, verificou-se uma melhoria significativa tanto a nível da aprendizagem do Português, da construção e da compreensão de textos, bem como a nível comportamental.

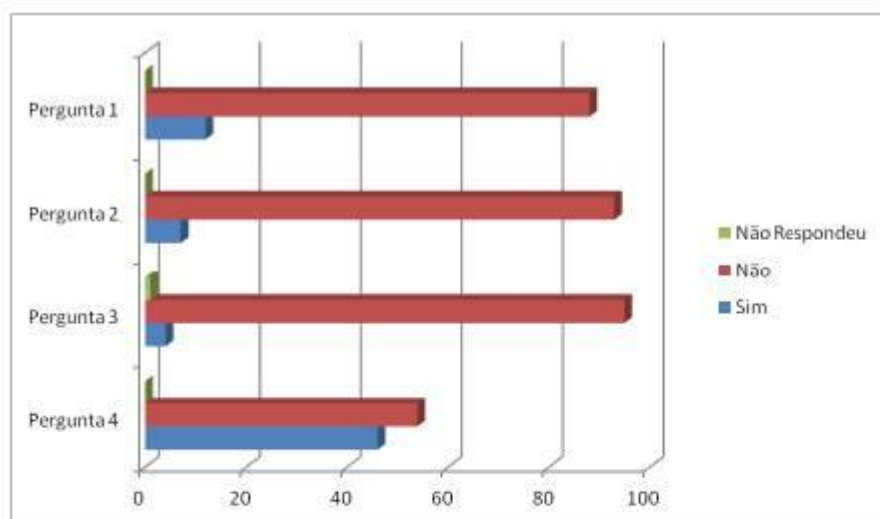
Um aluno que, ao estudar uma língua, reconhece as suas etapas e percebe o funcionamento do seu sistema linguístico, consegue sentir-se motivado e empenhado.

7. Análise e Interpretação dos Questionários sobre o Ensino/Estudo do Latim

Foram elaborados questionários (cf. anexo nº35) que foram aplicados a todas as turmas do 9º Ano. Na sua totalidade foram preenchidos cerca de 100 questionários. Estes questionários tentam averiguar de que forma a aprendizagem do Latim é impulsionada pelas escolas e perceber a posição da comunidade escolar sobre este assunto.

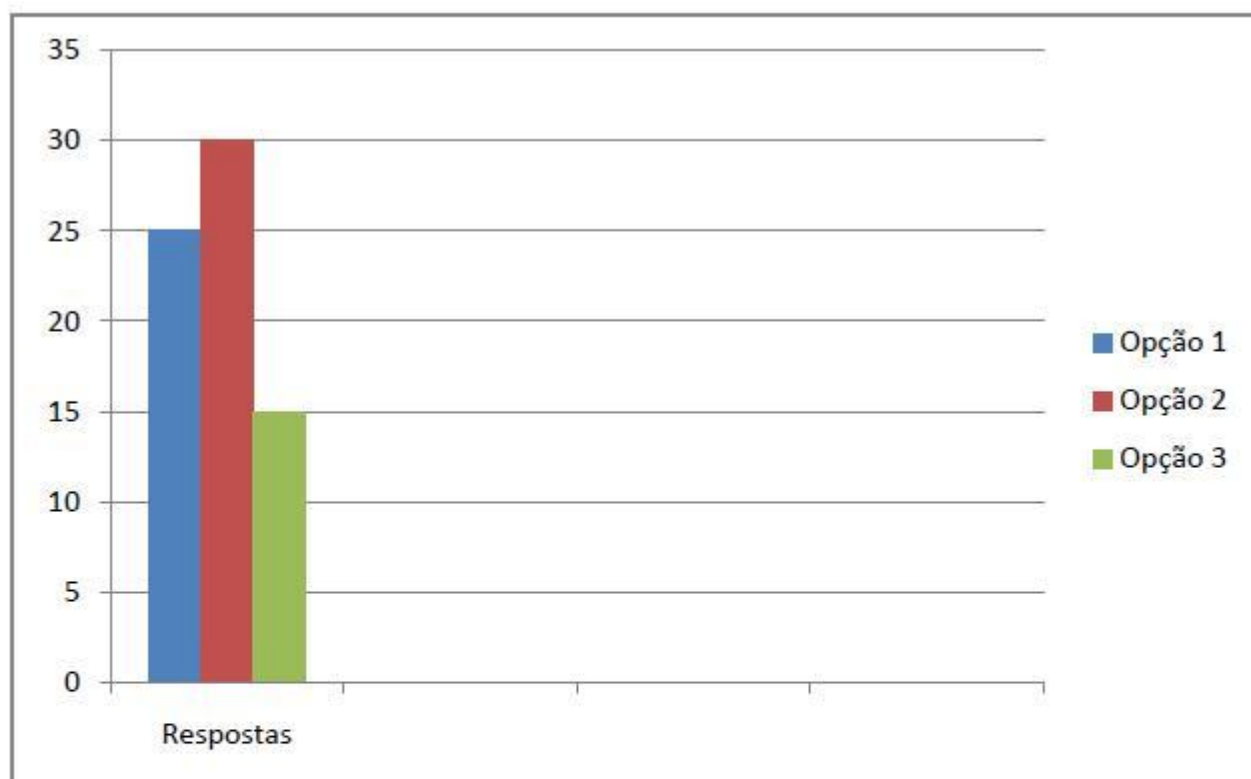
Os dados não foram analisados na sua totalidade, mas foram guardados para permitir à Escola Secundária de Pedro Nunes uma futura análise e reflexão sobre o tema. O sucesso do curso livre e o resultado da análise de alguns dos dados levaram a que a escola quisesse dar continuidade a esse curso e abrisse a oferta da disciplina de Latim, no secundário.

Apresento, aqui, alguns dados que foram trabalhados e que considero mais relevantes, para que se procure perceber o estado do ensino do Latim, na Escola Secundária de Pedro Nunes.



LEGENDA

1. Alguma vez alguém o aconselhou a estudar latim?
2. Acha que a escola que frequenta incentiva os alunos a escolher Latim como opção curricular?
3. Alguma vez algum professor o aconselhou a estudar latim?
4. Sabia que o Latim é uma opção curricular, no 10º e/ou 11º anos?



Que razões o levariam a escolher Latim como opção curricular?
(estas foram as opções mais seleccionadas).

LEGENDA:

- **Opção 1** - Ter frequentado um curso de “Língua e Cultura Latinas” no 3º Ciclo.
- **Opção 2** - Se, nas aulas de Português fosse demonstrada a sua utilidade e importância na aprendizagem da Língua Portuguesa
- **Opção 3** - Se algum familiar mo sugerisse.

Estes dados permitem facilmente perceber que o Latim não se encontra numa posição favorável e que nem todos os professores aconselham os alunos a estudar Latim. O que nos leva de regresso ao problema da ausência da cadeira de Latim e Culturas Clássicas dos *curricula* da formação de professores de português das diversas variantes. Como pode um professor de Português aconselhar um aluno a estudar o Latim, se ele próprio desconhece a sua importância? Insisto e quero que esta ideia fique registada: enquanto não houver, nomeadamente por parte das faculdades, uma atitude de apoio à integração da Língua e da Cultura Clássica na formação de professores de Português, o declínio do estudo do Latim perpetuar-se-á.

Outro factor a registar é a idade em que os alunos devem ter acesso à aprendizagem da língua latina. Vários países, iniciam o estudo do Latim a partir do 5º ano, ou seja, alunos com idades compreendidas entre os dez e os onze anos, e têm taxas de sucesso altíssimas na aprendizagem desta língua. Seria aconselhável repensar o ciclo de estudos para a introdução do Latim, nos programas escolares.

Penso que dados como estes e outros que estão contidos nos inquéritos devem ser tidos em conta e contribuir para uma reflexão sobre a formação de professores da língua materna.

D. Intervenção na escola/Relação com o meio

1. A Comunidade na Escola

Numa fase inicial, quando soube que era no antigo Liceu Normal que iria desenvolver a minha Prática Pedagógica Supervisionada, resolvi pesquisar sobre a história da escola e consultei uma obra relevante de António Nóvoa, chamada *Liceus de Portugal - Histórias, Arquivos, Memórias*³⁶. Aqui, encontrei o passado e as vozes das almas que, outrora, leccionaram e estudaram naquela escola. Senti um peso de responsabilidade para com aquelas gentes que fizeram história no ensino nacional. Em 1930 deram início às *Conferências Pedagógicas*³⁷, que tinham um carácter pedagógico e científico muito importante e inovador.

³⁶ NÓVOA, António. (2003). *Liceus de Portugal – Histórias, Arquivos, Memórias*. Lisboa, Edições Asa.

³⁷ GUERRA, Maria Luísa (2005) *Liceu Pedro Nunes, no Centenário da sua criação, 1905-1906*. Lisboa, Edição de autor.

Não consegui ficar indiferente à modernidade e actualidade destas conferências, que tinham títulos como:

- 1930 - *A Leitura no Ensino Secundário*
- 1931 - *A História da Arte nos Liceus*
- 1931 - *O Vocabulário no Ensino do Latim*
- 1932 – *Dois momentos na Evolução Pedagógica; Herbart e as críticas de Jonh Dewey. Pedagogia de Interesse*
- 1933 – *O Ensino do Português nos Liceus*
- 1933 - *A Escola e a Família*
- 1933 - *A Educação Física e os Jogos*
- 1934 – *A iniciação no estudo do Latim. Em que altura do curso do Liceu deve fazer-se? Como deverá fazer-se?*
- 1934 – *O canto coral como factor educativo*
- 1934 – *A Cultura Humanística nos Liceus*
- 1935 – *Bibliotecas Gerais: Sua organização e fins*
- 1937 – *Festas Escolares: Seus objectivos, sua organização: Legislação*
- 1959 – *A Formação Literária, segundo o ensino do Português nos Liceus*
- 1967 – *Um aspecto da aula de Latim: O estudo do Vocabulário pelo sistema etimológico; sua contribuição para o alargamento e para um mais consciente conhecimento do vocabulário português.*

Estas conferências eram organizadas por professores estagiários, sendo que algumas eram dinamizadas por professores universitários, e contavam com a presença de Reitores de outras escolas e, por vezes, com os Ministros da Educação. Quase de súbito, como estagiária, apercebi-me de que era um dever e uma obrigação moral tentar reavivar o espírito destas conferências e levar à Escola Secundária de Pedro Nunes o dinamismo, a abertura à sociedade e o debate de ideias. Foi neste quadrante que surgiu a ideia das Palestras “*A Comunidade na Escola*” (cf. anexo nº 36), que contaram com a colaboração do meu colega de estágio Joaquim Pacheco.

Ao longo de todo ano lectivo, tiveram lugar cerca de 14 Palestras:

- Dia 9 de Outubro – *Ciclo Jovens Escritores* – Paulo Cunha Dinis e Diogo Godinho
- Dia 15 de Novembro – *Camilo, ironia e desconstrução* – Annabela Rita
- Dia 4 de Dezembro – *Estudar Gramática. Porquê?* – Maria do Céu Caetano
- Dia 10 de Janeiro – *A Escola e a Cultura* – Gabriela Canavilhas

- Dia 07 de Fevereiro – *As Humanidades e o Latim, hoje!* - Manuel Rodrigues
- Dia 21 de Fevereiro – *Mitos e Lendas na Poesia Africana* – Ana Maria Martinho
- Dia 7 de Março – *Fernando Pessoa e a Heteronímia* – Fernando Cabral Martins
- Dia 14 de Março – *Os “ismos” do Modernismo* – Paula Cristina Costa
- Dia 18 de Abril – *O Jornalista e a Sociedade* – Judite de Sousa
- Dia 22 de Abril – *Elementos trágicos na obra de Eça de Queirós* – Leonor Santa Bárbara
- Dia 29 de Abril – *Eça de Queirós, conversas em família!* – Afonso Reis Cabral
- Dia 07 de Maio – *O Humor e a Escola* – Nilton

Posso afirmar que o ambiente vivido foi de grande entusiasmo por parte das turmas que assistiram e os convidados foram recebidos pela Direcção da Escola que os brindou com o Livro da Dr^a Maria Luísa Guerra *Liceu Pedro Nunes: No centenário da sua criação 1905-1906*³⁸.

Não posso, no entanto, deixar de mencionar que foi extremamente difícil convencer alguns professores a assistir e outros nunca aderiram à iniciativa. As razões alegadas eram sempre as mesmas: falta de tempo, exigência no cumprimento do programa ou turma problemática. Tirando estes apontamentos, as turmas envolvidas foram sempre entusiastas e participativas. A minha turma de Literatura Portuguesa de 11º Ano assistiu a todas as Palestras e, por vezes, a discussão continuava, mas desta feita, em contexto de sala de aula.

Este tipo de Palestras, que leva a comunidade à escola, permite aos alunos contactar com individualidades, que de outra forma não lhes era possível fazê-lo. Nelas, as questões foram colocadas na primeira pessoa, através de um canal directo entre o aluno e o convidado. Esta democratização da cultura é necessária, sendo importante que se estabeleça um canal directo entre aqueles que são especialistas e os que querem aprender, o mais precocemente possível. Esta relação que se estabeleceu aluno/convidado permitiu, também, de alguma forma, ao convidado ter a noção real do que é o público jovem. A escola tem obrigação moral de ser esse canal directo de acesso à cultura.

³⁸ GUERRA, Maria Luísa (2005) *Liceu Pedro Nunes, no Centenário da sua criação, 1905-1906*. Lisboa, Edição de autor.

No final do ano lectivo, a Escola Secundária de Pedro Nunes foi submetida, por parte do Ministério da Educação, a uma avaliação externa e o projecto “A Comunidade na Escola” foi escolhido pela Direcção da Escola para ser divulgado no átrio, dando origem à exposição com o mesmo nome.

2. Página no *facebook* do Departamento de Português/Latim da Escola Secundária de Pedro Nunes

Actualmente, não é exclusivo do professor a custódia da informação, contudo nunca a humanidade teve acesso a tanta informação e, por vezes, a tão pouco conhecimento. Diariamente, os jovens, através das novas tecnologias, são bombardeados com ligações, interligações, notícias, *sites*, *blogs* e *softwares* sociais, a uma rapidez alucinante. Mas será essa uma informação seleccionada e de qualidade? Caberá, então, à escola e ao professor encaminhar, saber ensinar a seleccionar e a levar o aluno a escolher criticamente a sua bibliografia. Para isto, a escola e o professor deverão manter-se actualizados, de forma a canalizar uma informação seleccionada, assente em critérios rigorosos de qualidade, metamorfoseando informação em conhecimento. Com o aparecimento de *softwares sociais*, surge um novo paradigma, ou seja, qualquer instituição que queira ver divulgado o seu trabalho terá quase forçosamente de entrar numa destas redes. Tendo em conta que os jovens aderem em massa a este tipo de *softwares*, reconheci que a melhor forma era juntar-me a eles. Apresentei à coordenadora do Departamento de Português/Latim da Escola Secundária de Pedro Nunes, depois de ter solicitado autorização à minha orientadora, a criação de uma página no *facebook*, em nome do Departamento, tendo como objectivo a divulgação das Conferências/Palestras *A Comunidade na Escola*, bem como poesia, pintura, acontecimentos culturais, revistas virtuais, etc., de forma a facultar e a divulgar informações/conteúdos relevantes, que não fazem parte dos programas e que pudessem, de alguma forma, tornar-se adjuvantes na compreensão dos programas. Tentando estabelecer, sempre, pontes entre a cultura, a literatura, a língua e a poesia, e outras formas de artes e os alunos. A Coordenadora do Departamento de Português/Latim, a Professora Rosário Andorinha, anuiu à proposta, ficando a responsabilidade da manutenção e da divulgação da página, sob regime de partilha, à minha tutela e à do professor Paulo Matos, professor de Português na ESPN.

A página conta, actualmente, com cerca de 200 amigos, e chegou a atingir as 400 visualizações diárias. Contou com a participação de colegas das outras escolas, com comentários dos alunos e com algumas mensagens de professores de Português de outras escolas, sobretudo a pedirem esclarecimentos sobre as Palestras e a colocarem algumas dúvidas sobre Latim.

3. Aluga-se Trovador

Com a aproximação do dia 14 de Fevereiro, resolvi aproveitar a data para elaborar uma nova actividade, que envolvesse toda a comunidade escolar. A actividade teve como título “Aluga-se trovador” (cf. anexo nº 37) e consistia na elaboração de declarações amorosas, poemas, dedicatórias, entre outras manifestações, por parte dos alunos, professores ou funcionários, para posteriormente serem declamados, em contexto de sala de aula, aos destinatários. Nesta actividade contei com a colaboração do aluno António Mendonça, da turma de 11º Ano de Literatura Portuguesa, que se vestiu de trovador moderno, foi às salas de aula ler os textos, que podiam ser anónimos ou não, aos destinatários. Foi muito interessante verificar que houve uma grande adesão por parte da comunidade escolar. Esta actividade, num primeiro plano, parece ter apenas um carácter lúdico, que o teve, mas não foi essa a única finalidade. Penso ser de extrema importância o envolvimento da comunidade escolar em actividades que permitam momentos de lazer, que desenvolvam relações interpessoais, abrindo caminho para uma escola mais humanizada. A experiência de um professor ouvir uma declaração de amor dirigida a um aluno e assistir em directo a esse momento, permite-lhe entrar num universo que lhe era desconhecido e conseguir despertar uma relação de partilha de cumplicidades, deixando o aluno de ser um número com rosto para ser um rosto com vida.

Houve momentos hilariantes, momentos de ternura, momentos de grande intensidade. Algumas declarações e poemas eram de uma profundidade emocional, de uma beleza absolutamente única, típica de uma fase extraordinária na vida do ser humano. Outra das finalidades da minha actividade foi levar a comunidade escolar a elaborar textos e poemas, tentando sensibilizá-los para este tipo de escrita, levando-os a viajar pelo processo criativo e por uma linguagem emotiva. Por uma questão de respeito, não anexo nenhuma dessas declarações.

Envolvida pelo espírito enamorado que se viveu naqueles dias, e influenciada pelas leituras prévias das declarações, resolvi elaborar um poema (cf. anexo nº38) para os meus alunos e ser eu a declamá-lo, em sala de aula, fazendo-lhes uma surpresa. Não posso deixar de dizer que foi um momento único, que jamais esquecerei.

4. Colóquio

A ideia de um Colóquio sobre “O Ensino do Português” (cf. anexo nº39) surgiu da leitura do livro da Professora Maria do Carmo Vieira³⁹, com o mesmo título, e da constatação da emergência de uma reflexão por parte dos professores do Ensino Secundário sobre a disciplina de Português.

Com as polémicas questões do Acordo Ortográfico, do Dicionário Terminológico e dos Programas de Português senti a necessidade de uma discussão entre quem realmente trabalha com estas ferramentas.

Uma das situações bastante interessantes deste Colóquio foi a facilidade com que obtive respostas afirmativas aos convites que fiz. Nomes como, a própria Maria do Carmo Vieira, Helena Buescu, Nuno Pacheco, Teresa Cadete, Maria Filomena Molder, Ana Maria Martinho, Leonor Santa Bárbara, entre outros, disponibilizaram-se sem reservas. Há na consciência colectiva a ideia de que se vivem momentos turbulentos no ensino do Português.

Este colóquio foi filmado na íntegra e encontra-se disponível no *Youtube*⁴⁰.

5. Exposição “ Lisboa e a Arte”

Esta exposição decorreu dos encontros, à hora de almoço, com a professora Maria Corvo, que é professora de Desenho, há mais de 30 anos, na Escola Secundária de Pedro Nunes. Após longas e fartas conversas sobre a Arte e a Literatura resolvemos expandir os nossos universos. Eu e a professora Maria Corvo sugerimos aos nossos alunos (Desenho e Literatura Portuguesa) a elaboração conjunta de uma exposição denominada “Lisboa e a Arte” (cf. anexo nº34).

³⁹ A professora Maria do Carmo Vieira é professora do Secundário, que escreveu, entre outras publicações, o livro *O Ensino do Português*, publicado em 2010, pela Fundação Francisco Manuel dos Santos.

⁴⁰ <http://www.youtube.com/watch?v=wZhw-vyWTfU>

Esta exposição contou com a colaboração dos alunos de Artes e de Humanidades, que, em conjunto, organizaram a procura de poemas e de excertos sobre Lisboa e elaboraram retratos da Lisboa destes poetas e escritores. A exposição teve lugar no átrio da escola e foi acompanhada de uma palestra, proferida pela Dr.^a Marta Soares, mestre em História da Arte, especialista em Amadeo de Souza Cardoso (cf. anexo nº 41).

6. Semana do Latim

Durante a semana das línguas (de 11 a 15 de Março de 2013) o Latim associou-se ao Departamento de Línguas Modernas e participou com a *Hebdomas Linguae Latinae*, tal como já referido. Foram afixados na escola cartazes da divulgação dos eventos (cf. anexo nº42) e durante esta semana houve uma exposição dos trabalhos elaborados pelos alunos do curso livre. Os deuses romanos, a alimentação nos tempos de Roma, a origem dos meses do ano, as lendas da fundação de Roma e dos gémeos Rómulo e Remo foram alguns dos temas escolhidos pelos alunos.

7. Dia Aberto na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

No dia 10 de Abril, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa abriu as portas aos alunos do Secundário. Tendo sido feita toda a minha formação académica nesta faculdade, pensei que levar os alunos finalistas da ESPN ao dia aberto da FCSH seria uma forma de retribuir tudo o que aprendi, todos os momentos que vivi e todas as pessoas que conheci. Proporcionar aos alunos de secundário a experiência de conhecerem esta faculdade e os seus cursos é, de alguma forma, mostrar-lhes que o caminho não deve acabar no secundário e que devem investir na sua formação.

Criei, então, com a colaboração do meu colega Joaquim, a actividade *Dia Aberto* (cf. anexo nº43), na qual os alunos seriam inscritos previamente no *site* da FCSH. Foram convidadas as turmas de 12º Ano e a minha turma de 11º Ano de Literatura Portuguesa.

No dia 10 de Abril, as turmas foram recebidas pelo Professor Doutor João Costa, seguindo depois para os mais diversos Departamentos da FCSH, nos quais tiveram acesso às informações pretendidas e onde puderam contactar os professores dos cursos. No final do dia, houve um lanche para todos alunos. Foi um dia muito bem passado,

bem-disposto e muito rico em experiências, ao ponto de alguns alunos assistirem a aulas na faculdade.

8. Visita de Estudo a Vila Cardílio

Em conjunto com a orientadora, a professora Carmo Soares, e o meu colega de estágio, organizámos uma visita de estudo a Vila Cardílio⁴¹, em Torres Novas. A visita de estudo estava marcada para o dia 12 de Junho, na última semana de aulas, e contava com a presença de todas as turmas de 8º Ano e dos meus alunos do curso livre de Latim de 7º Ano.

Tínhamos tudo agendado, as autorizações dos pais já entregues e estávamos prontos para a viagem.

Esta visita de estudo tinha como objectivo a divulgação da Cultura Latina e a sua presença em Portugal, aos alunos do 3º Ciclo, com o intuito de os sensibilizar para o estudo do Latim. Nestas ruínas, situadas a 3 km da cidade de Torres Novas, existe uma casa romana agrícola, na qual foram encontradas centenas de moedas dos séculos II, III e IV d.C, para além de cerâmicas, bronzes, ferros, vidros assírios e egípcios, estuques coloridos, anéis e uma estátua de Eros. Estas ruínas sofreram alguns percalços nas escavações arqueológicas, mas actualmente encontram-se abertas ao público e dispõem de pessoal técnico especializado, disponível para acompanhar as visitas.

No dia 07 de Junho, uma sexta-feira, fomos informados pela Direcção da Escola que a visita tinha sido cancelada. Alguns professores do Departamento de Línguas alegaram que tinham actividades importantes e inadiáveis para desenvolver com os alunos, nesse dia.

9. Apoio a alunos na disciplina de Literatura Portuguesa

Soube através de conversas paralelas, em contexto de sala de aula, que alguns dos meus alunos do 11º Ano de Literatura Portuguesa estariam a frequentar explicações particulares de Literatura Portuguesa, pagando elevadas quantias. Ao ter conhecimento desta situação, não consegui ficar tranquila e um misto de sentimentos assolaram o meu estado de alma. Em Portugal, vivem-se momentos complexos e recaem sobre as famílias enormes despesas com a educação dos seus filhos. Tendo em conta todo o

⁴¹ <http://www.portugalromano.com/2011/11/villa-cardilio-caveira-torres-novas/>

contexto, que espécie de professora seria eu se permitisse que um aluno meu tivesse dúvidas na minha disciplina e não as tentasse atenuar? Partindo deste princípio, resolvi criar um horário de apoio para a disciplina, horário este que ficaria agendado para todas as 5^{as} Feiras das 15.00h às 15.45h. Esta hora de apoio teve como base o esclarecimento de dúvidas e a elaboração de alguns exercícios de escrita (cf. anexo nº44).

10. A Biblioteca da Escola e a elaboração de Questionários

A professora Dr^a Isabel Madruga, em 1971, colocou um cartaz na biblioteca da Escola Secundária de Pedro Nunes, em Lisboa, com a seguinte descrição: *Latinistas, eu vos saúdo. Se entrarmos, cautelosamente, neste oásis de silêncio que é a biblioteca do nosso liceu e, se nos embrenharmos, pela leitura, nas páginas de muitas das nossas obras, assistiremos então a um dos espectáculos mais emocionantes da vida do espírito do mundo. Aqui não se defende, como em Tróia, uma beleza efémera que o tempo se encarregou de comprovar como tal. Não. Aqui há um tesouro que é património de vários povos, continuamente enriquecido pelos maiores da sua época. É neste oásis de silêncio*⁴² que pretendemos iniciar a viagem em busca do caminho que há a percorrer, para integrar o novo espaço da biblioteca e a comunidade escolar, numa simbiose de partilha de saberes.

A biblioteca da escola teve a sua origem em 1918. Em 1929, elaborou-se a primeira catalogação e inventário, sob a direcção do professor João Eloy. No ano de 1930 foi alvo de reestruturação, tendo em conta as obras para a modificação do edifício, no âmbito das suas novas funções de “*liceu normal*”. Em 1943, existiam na biblioteca da escola cerca de nove mil obras⁴³, que iam desde os ramos da Didáctica, Metodologia, Pedagogia Geral e Psicologia, passando pela Crítica Literária, Literatura Portuguesa, Francesa, Inglesa e Filologia, até às obras da História de Portugal, Universal, Filosofia, Geografia, Matemática, Artes, entre outras.

Em 11 de Setembro de 2010, o Primeiro-Ministro José Sócrates, em conjunto com a Ministra de Educação, Isabel Alçada, inaugurou a remodelação feita aos edifícios, que foram modernizados, no âmbito do “Projecto Parque Escolar”. Estas obras tiveram os arquitectos Pedro Viana Botelho e Maria do Rosário Beijo como autores do projecto.

⁴² NÓVOA, António. (2003). *Liceus de Portugal – Histórias, Arquivos, Memórias*. Lisboa, Edições Asa, pág 134.

⁴³ *Ibidem* pág 135.

Com a concretização destas obras, a nova biblioteca escolar passou a ocupar parte da cave, num bloco inteiramente novo. Numa primeira fase, seria de esperar que a decisão por um piso subterrâneo não criasse um ambiente repleto de luz, mas as escolhas arquitectónicas permitiram que fosse construído um fosso paralelo que acabou por fornecer luz natural, tornando o espaço aprazível e harmonioso.

O novo espaço fornece à comunidade escolar, além de livros das mais diversas áreas, a consulta de revistas e jornais de imprensa periódica, bem como um leque de filmes e documentários. Permite, também, o acesso à internet nos computadores da escola. A atmosfera e o espaço criado aliciam os alunos para um ambiente de sala de estudo, sendo inúmeras as vezes que se encontram alunos a estudar, através dos seus cadernos diários e manuais escolares, na biblioteca.

Entretanto, há aspectos que ainda não estão estruturados. Os alunos estão interditos de aceder à maior parte do extenso e rico espólio bibliográfico desta instituição, que permanece no edifício antigo, nas anteriores instalações da biblioteca. Constata-se, também, que não é possível a requisição de livros para o domicílio, na nova biblioteca, pelos alunos, visto que não há, ainda, cartão de requisição. Esta falta de estruturação será motivada, talvez, pela mudança de espaço, pela inexistência de uma exaustiva base de dados digital de consulta e pela falta de recursos humanos qualificados, nomeadamente a contratação de um professor-bibliotecário, com formação superior especializada, na área das Ciências da Informação e Documentação.

No mundo em permanente mudança, impregnado de informação, no qual os jovens têm acesso permanente às novas tecnologias, dando-se primazia aos *rankings* e ao sucesso, coloca-se às bibliotecas escolares desafios complexos. É tempo de pensar qual o papel da biblioteca escolar e de que forma o seu contributo pode ajudar os alunos a atingirem o sucesso.

A biblioteca da Escola Secundária de Pedro Nunes tem a possibilidade de recomeçar, em novas instalações, com todas as condições físicas. Faltando-lhe apenas um rumo, uma estratégia, que vá ao encontro da comunidade educativa. Tendo em conta a situação, resolvi ajudar com a elaboração de questionários (cf. anexo nº45) que permitissem à escola perceber quais as necessidades inerentes à biblioteca escolar e à comunidade escolar.

11. Palestras “Formação e Informação”

A ideia de criar um ciclo de palestras de “Formação e Informação” surgiu da necessidade de o meu colega de estágio Joaquim Pacheco estabelecer uma ponte entre o tema do relatório e a sua Prática de Ensino Supervisionada na Escola Secundária de Pedro Nunes. Estas palestras foram possíveis partindo de um acordo estabelecido com o Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa.

Durante este ciclo, decorreram três palestras: “Relações entre ensino de gramática e desenvolvimento da competência da Leitura” com o Professor Doutor João Costa, “Relação entre termos. A contribuição da semântica” com a Professora Doutora Clara Correia e “Trabalhar com textos na sala de aula” com a Professora Doutora Antónia Coutinho.

O meu papel nestas acções foi apenas de colaboração nos convites, na organização logística e na divulgação dos eventos.

O meu colega de estágio desenvolverá mais pormenorizadamente o intuito destas palestras, o seu conteúdo programático e os objectivos concretos, visto que fazem parte das actividades desenvolvidas na sua Prática de Ensino Supervisionada.

CONCLUSÃO

Esta viagem começou ainda nem sabia ler, por volta dos quatro anos de idade, quando dispunha as minhas bonecas em filas no meu quarto e escrevia nas paredes, transformando-as num quadro de uma sala de aula. Este caminho revelou-se longo, cheio de curvas e contracurvas, com momentos turbulentos, mas repleto de uma vontade inabalável. Durante este ano, cresci enquanto ser humano, conheci pessoas que me marcaram para a vida e percebi que o caminho ainda agora começara. Estagiar na Escola Secundária de Pedro Nunes foi um confirmar daquilo que me moveu durante todos estes anos. Ser professora é uma forma de vida que escolhi, naquele quarto, quando tinha quatro anos. Aqui, com este relatório, termina uma fase e começa outra. Termina a fase que leva à certificação profissional, mas que não me tornou numa professora. Esse será um caminho que terminará quando der a minha última aula, se conseguir cumprir-me, pois ser e tornar-me professora vai depender das minhas escolhas, da minha atitude e da forma como receber, cada ano lectivo, uma nova geração que me vai ensinar e preparar para a que vem no ano seguinte.

Há linhas estruturantes que sinto existirem já na minha base e essas prendem-se com o estudo e o ensino da Língua e Cultura Clássicas para a formação base de qualquer geração que queira carregar consigo aquilo a que chamamos de Humanidades, ou seja, aquilo que faz de nós humanos: a língua, a arte, a história, a literatura, a poesia, a filosofia, entre outras. É nestas criações humanísticas que o homem se encontra e que o professor deve encaminhar o aluno, para que ele descubra as vozes dos seus antepassados e consiga, ele mesmo, encontrar a sua própria voz.

A responsabilidade que sinto ao entrar nesta profissão leva-me ao caminho da humildade, pois só através dela conseguirei ter a serenidade de procurar aquilo que não sei e aprender com as gerações vindouras.

Encontrei na Escola Secundária de Pedro Nunes uma ligação única, daquelas que se sentem quando nos identificamos com algo e sentimos que fazemos parte desde sempre. Os alunos, os colegas e toda a comunidade escolar permanecerão para sempre na minha memória com um aperto de saudades e com a certeza de que não poderia ter começado da melhor forma.

Nesta instituição tive a oportunidade de leccionar em dois ciclos de estudo diferentes, nomeadamente ao 8º e ao 11º ano e de criar de raiz um curso livre de “Língua e Cultura Latinas” para alunos do 3º ciclo, que me deram acesso a uma

diversidade de públicos, levaram-me a ter consciência das diferenças entre os ciclos de estudo, das diferentes abordagens e a aprender a planificar e a seleccionar conteúdos e materiais.

As diversas tarefas a que me propus, tal como a organização de um ciclo de palestras “A comunidade na Escola”, a elaboração de inquéritos e questionários, que contribuíram para a análise de fragilidades existentes na escola, possibilitaram-me uma versatilidade na concretização de tarefas.

Na criação de uma página no *facebook*, sempre actualizada, do Departamento de Português/Latim, que ligou o departamento à comunidade, aos pais e aos alunos, consegui aprender a seleccionar informação para um público abrangente e a ter a responsabilidade de publicar em nome do departamento. Esta tarefa foi muito gratificante graças ao desafio permanente e à confiança que o departamento depositou em mim.

O projecto que desenvolvi com a comunidade educativa na visita à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, no “Dia Aberto”, “Aluga-se Trovador” no dia dos namorados, a criação de um *wiki* e de aulas suplementares de apoio à turma do 11º ano de Literatura Portuguesa demonstrou a minha capacidade de trabalho e empenho.

A parceria que estabeleci com a professora de Artes Maria Corvo da Escola Secundária de Pedro Nunes na exposição “Lisboa e a Arte” consolidou a minha opinião positiva sobre a interdisciplinaridade e do trabalho em equipa,

Durante o percurso da minha Prática de Ensino Supervisionada, tentei, sempre que possível, estabelecer pontes de ligação entre os conteúdos programáticos, as actividades desenvolvidas e o Latim e Cultura Clássica, por considerar que este diálogo é imprescindível e determinante para um conhecimento da história da humanidade e do pensamento humano.

Neste relatório dou conta de todas as actividades desenvolvidas, das aulas que leccionei e da forma como estruturei o meu percurso. Sei que há pontos que mereciam uma atenção mais aprofundada, nomeadamente no capítulo “Elementos neoclássicos na Língua Portuguesa”, mas num relatório com estas especificidades não se tornou possível. No entanto poderá ser um trabalho a desenvolver no futuro.

Foi um ano cheio de desafios, de projectos, nos quais tentei ser rigorosa e exigente nas minhas escolhas e decisões.

Não sei qual será o meu caminho, não sei se algum dia serei professora, não sei o que me espera, sei apenas que caminharei sempre de frente em direcção ao futuro, pois tal como o poeta António Machado dizia *caminhante não há caminho, o caminho faz-se caminhando*.

BIBLIOGRAFIA

- AMOR, Emília. (2003). *Didáctica do Português. Fundamentos e Metodologias*. Lisboa, Texto Editora.
- BAESKOW, H. (2004). *Lexical Properties of Selected Non-native Morphemes of English*. Tübingen, Gunter Narr.
- BANDURA, Albert. (2008). *Teoria Social e Cognitiva*. São Paulo, Artmed.
- BAUER, Laurie. (1983). *English Word-Formation*. Cambridge, Cambridge University Press.
- BAUER, Laurie. (2005). "The Borderline between Derivation and Compounding". In: Dressler, W. et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, pp. 97-108.
- BAUER, Laurie. (1979). "Against Word-Based Morphology". *Linguistic Inquiry* 10/3 pp. 508-509.
- BAUER, Laurie. (1988). "Is there a class of neoclassical compounds, and if so, is it productive? *Linguistics* 36/3, pp. 403-422.
- BERNARDES, José Augusto Cardoso. (2004). *A Literatura no ensino Secundário. Outros Caminhos*. Porto, Areal Editores.
- BURKE, Edmund. (1909). *On the Sublime and Beautiful*. New York, Harvard Classics P.F. Collier & Son.
- CAETANO, Maria do Céu. (2010). "A meio caminho entre a Derivação e a Composição". *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 5, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2010, pp. 131-140.
- CAMÕES, Luís Vaz de. (2009). *Os Lusíadas*. Coimbra, ACD Editores.
- CAMPOS, Bártolo Paiva. (1995). *Formação de professores em Portugal*. Lisboa, Lisboa: IIE. (Relatório encomendado pela Comissão Europeia a diversas redes de universidades europeias, tendo em vista perspectivar a implementação do programa SOCRATES).
- CAMPOS, José António Segurado e. (1992). "Literatura e ensino do Latim". *Clássica. Boletim de Pedagogia e Cultura*, nº. 18, Lisboa, Colibri, pág. 69.
- CAMPS, Victoria. (1976). *Pragmática del Lenguaje y Filosofía analítica*. Barcelona, Ediciones Península.
- CASTRO, Ivo. (2008). *Introdução à História do Português*. Lisboa, Colibri.

- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. (1985). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Livraria Figueirinhas.
- FONSECA, Fernanda e Joaquim. (1977). *Pragmática Linguística e ensino do Português*. Coimbra, Almedina.
- GUERRA, Maria Luísa. (2005). *Liceu Pedro Nunes, no Centenário da sua criação, 1905-1906*. Lisboa, Edição de autor.
- GUSMÃO, Manuel. (2003). *A Literatura no ensino da língua materna*. Lisboa: Românica.
- GUSMÃO, Manuel. (2010). *O tempo da poesia: uma constelação precária*. Lisboa, Assírio & Alvim.
- HECKLER, Evaldo et al. (1981). *Dicionário morfológico da língua portuguesa*. Porto Alegre: UNISINOS.
- KRISTEVA, Julia. (1974). *La Révolution du langage poétique*, Paris: Seuil.
- LEAL DE MATOS, M. Vitalina. (1999). *O Ensino da Literatura*. Lisboa: Ed. Cosmos.
- MARTINET, André. (1977). *Elementos de Linguística Geral*. Coimbra, Sá da Costa.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2009). *Programa Nacional do Português 3º Ciclo*.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2009). *Programa Nacional de Literatura Portuguesa de 10º e 11º ano*.
- NETO, Serafim da Silva. (1979). *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Presença.
- NÓVOA, António. (2003). *Liceus de Portugal – Histórias, Arquivos, Memórias*. Lisboa, Edições Asa.
- PLAUTO. (2000) *Anfitrião*. Lisboa, Edições 70.
- PASCOAES, Teixeira de. (1998). *Arte de ser Português*. Lisboa, Assírio & Alvim.
- PETROPOULOU, Evanthia. (2004). “On the parallel between neoclassical compounds”. *English and Modern Greek*. Patras Working Papers Linguistics. Atenas, vol. 1, pp. 40-58.
- PLATÃO. (2010). *O Banquete*. (Maria Teresa Nogueira Schiappa de Azevedo) Lisboa, Edições 70.
- RALLI, Angela I.E. (2009). “Hellenic: Modern Greek”. in Lieber, Rochelle & Stekauer, Pavol (eds.). *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford/New York: Oxford University Press, pp. 453-463.

- RAMALHO, G. (1994). *As nossas crianças e a Matemática*. Lisboa, DEPGEF.
- ROCHA PEREIRA, M. Helena da. (1988). *Novos Ensaio sobre temas clássicos na Poesia Portuguesa*. Lisboa, INCM.
- SERRA, Isabel. (2009). *O Indeterminismo e o problema das duas culturas* projecto de investigação do Centro Interdisciplinar Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa.
- SILVA, V.M.de Aguiar e. (2010). *As Humanidades, os Estudos Culturais, O Ensino da Literatura e da Política da Língua Portuguesa*. Coimbra, Almedina.
- VIEIRA, Maria do Carmo. (2010). *O Ensino do Português*. Lisboa, Fundação Manuel dos Santos.
- WILLIAMS, Edwin. (1981). "On the notions 'lexically related' and 'head of a word'". *Linguistic Inquiry* 12, pp. 245-274.

SITOGRAFIA

The Classical Association

<http://www.classicalassociation.org/>

Decreto-Lei 344/89 Formação de Professores

<http://www.spn.pt/?aba=27&cat=17&doc=380&mid=115>

Rome Reborn

<http://www.romereborn.virginia.edu/gallery-current.php>

Universidad del Rosário

<http://clasicosarchivohistoricour.org/2013/07/17/dioses-mitos-y-religion-de-la-antigua-grecia/>

Portugal Romano

<http://www.portugalromano.com/>

ANEXOS